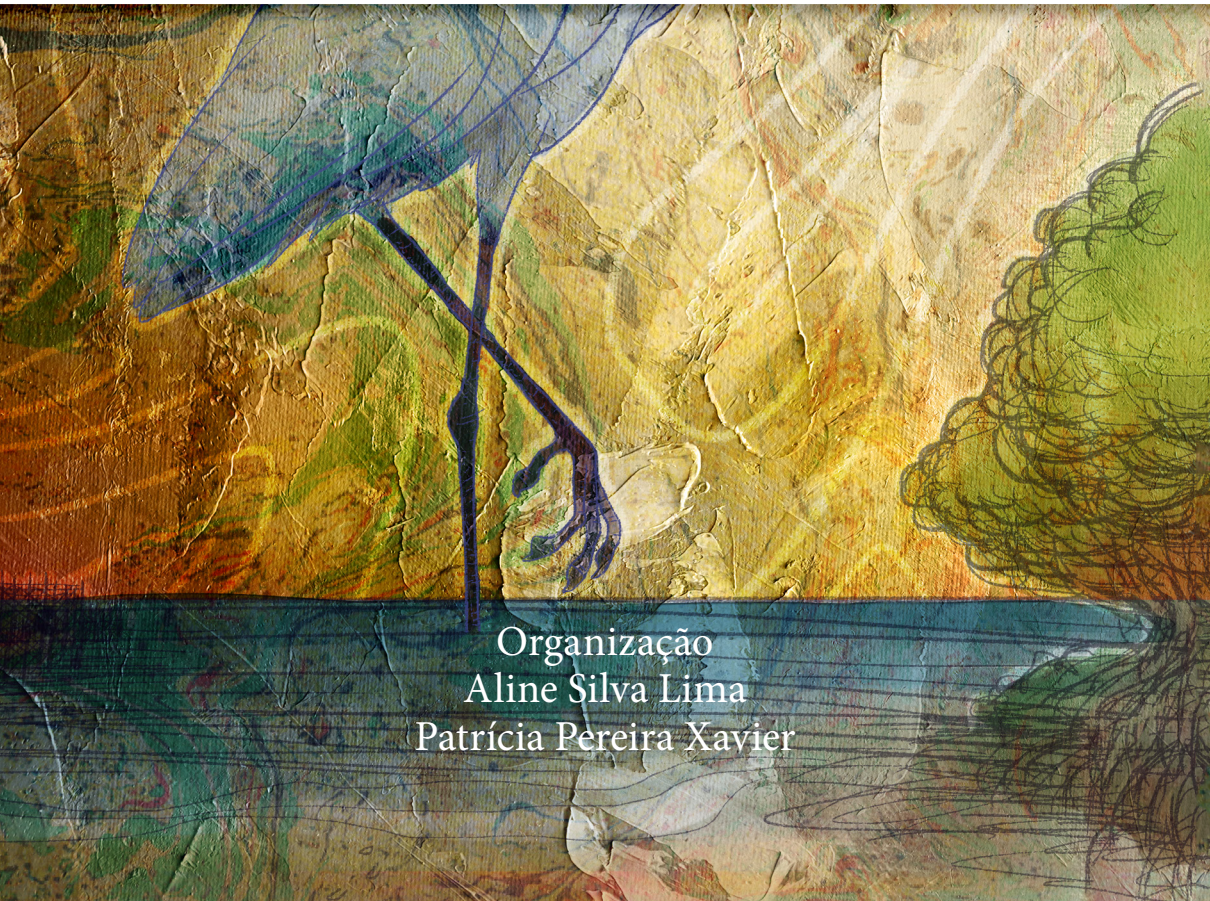


O **CANTO** DAS **GARÇAS** ME **CONTOU**



Organização
Aline Silva Lima
Patrícia Pereira Xavier

O canto das garças me contou

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA CULTURA
Sérgio Sá Leitão

PRESIDENTA DO IPHAN
Kátia Santos Bogéa

PROCURADOR-CHEFE DA PROCURADORIA FEDERAL
Heliomar Alencar

DIRETOR DO DEP. DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Marcelo Brito

DIRETOR DO DEP. DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

DIRETOR DO DEP. DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEP. DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Rêgo

SUPERINDENTE DO IPHAN NO CEARÁ
Otacílio José Pinheiro Macêdo

CHEFE DA DIVISÃO TÉCNICA DO IPHAN NO CEARÁ
Itala Byanca Morais da Silva

CHEFE DA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO IPHAN NO CEARÁ
Francisca Azevedo Mota

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS
Cristiane de Andrade Buco
Igor de Menezes Soares

Organização
Aline Silva Lima
Patrícia Pereira Xavier

O canto das garças me contou

IPHAN
Fortaleza
2017

Realização
Central Eólica Volta do Rio S.A.

Execução
Candeia Pesquisa e Produção Cultural

Organização
Aline Lima
Patrícia Xavier

Pesquisa
Aline Lima
Augusto Fick
Lígia Holanda
Patrícia Xavier
Thayane Oliveira

Textos
Aline Lima
Lígia Holanda
Patrícia Xavier
Pedro Ivo Divino
Thayane Oliveira

Ilustrações
Rafael Viana

Projeto Gráfico
Augusto Fick

Revisão Textual
Cristiane de Andrade Buco
Igor de Menezes Soares

Colaboradores
Dimas Carvalho
Francisco José Ferreira Gomes
Patrícia Vasconcelos

Agradecimentos
Angélica Ribeiro – Tucunzeiros
Dona Sulamita – Volta do Rio
Erandir e Vanilson – Curral Velho
Francisco José Ferreira Gomes
João Bosco Andrade – Sede
Prof. Jofre Oliveira – Volta do Rio
Prof.Ramalho Santos – Santa Fé
Profa. Débora Fernandes – Aranaú
Profa. Renata Andrade – Espraiado
Profa. Thercia Barros – Santa Fé

O canto das garças me contou / Organização Aline Silva Lima; Patrícia Pereira Xavier. – Fortaleza : Iphan, 2017.

124 p. : il.; 21 cm.

ISBN 978-85- 7334-319- 9

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Patrimônio cultural – Acaraú – Ceará. I. Lima, Aline Silva. II. Xavier, Patrícia Pereira. III. Título.

CDD 028.5
C232

SUMÁRIO

Apresentação 9
Prefácio 11

UNIDADE 1 – SERTÃO 15
Farinha tem casa? 17
Boi endiabrado 27

UNIDADE 2 – MAR 37
O menino dos olhos de rio 39
O mistério da botija de barro 47
O Causo de Chico Ciço 57

UNIDADE 3 – SERTÃO MAR 69
Currais do gado, currais do mar 71
Irmãos de parteira 83

UNIDADE 4 - CIDADE 93
O barco do tempo 95
Ou tem demais ou está faltando 109

GLOSSÁRIO 119
Os Autores 121

APRESENTAÇÃO

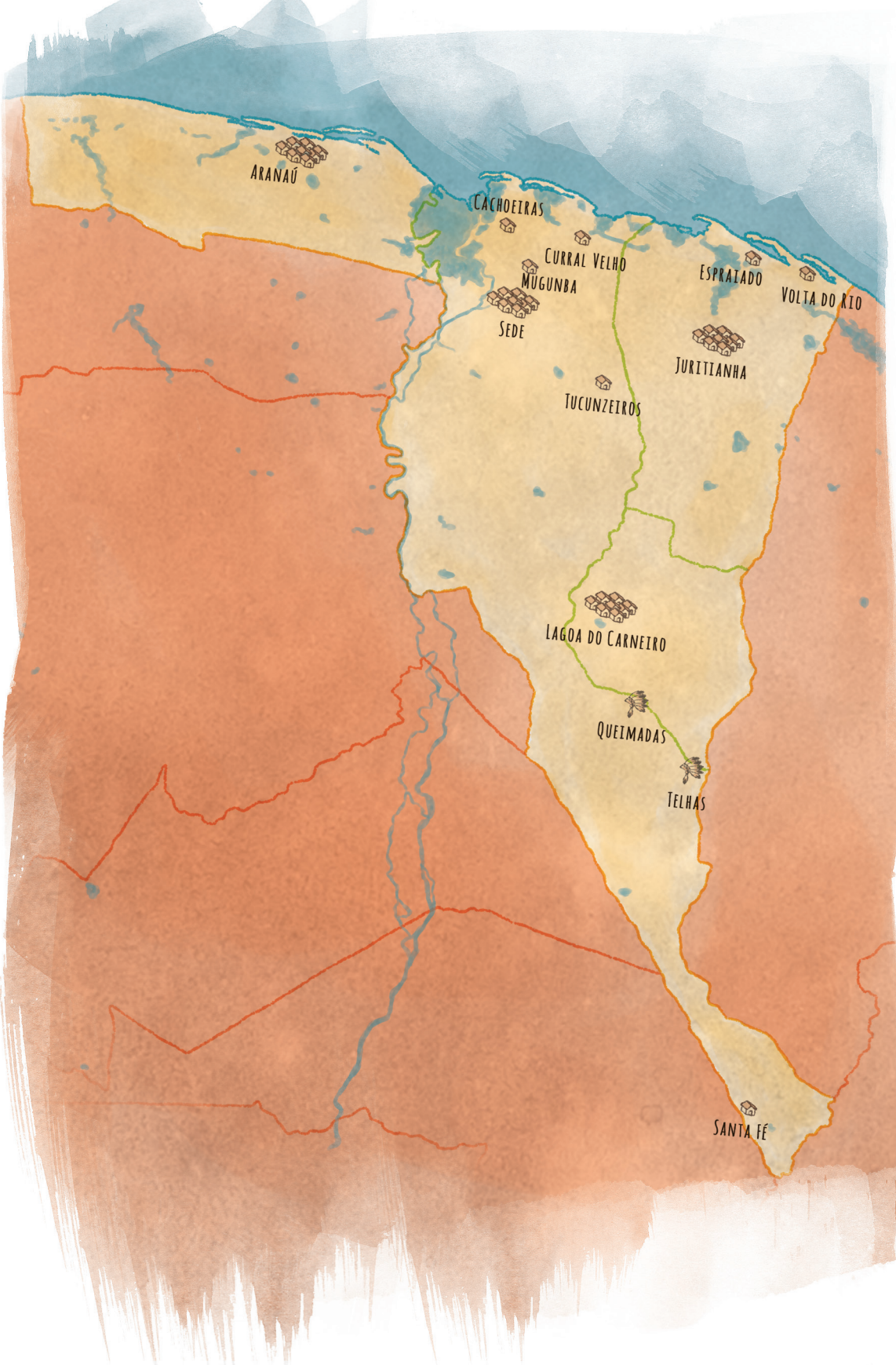
Em 2017, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) completa 80 anos. A função primordial do IPHAN, no decurso deste período, sempre foi atuar visando à preservação do patrimônio cultural brasileiro – edificações, coleções museológicas, obras de arte, sítios arqueológicos, sítios históricos e manifestações culturais tradicionais do país. Dessa forma, a função preservacionista do IPHAN se dá de diversas formas: utilização de instrumentos legais voltados a garantir a continuidade da existência desses bens, como o Tombamento e o Registro; medidas mitigatórias ou compensatórias, como os Termos de Ajuste de Conduta (TAC); licenciamentos de empreendimentos; identificação e salvaguarda dos bens culturais de natureza imaterial; promoção e produção de conhecimento acerca dos bens que conformam o patrimônio cultural do país.

Dessa forma, o livro **O Canto das Garças me Contou** é parte dos esforços do IPHAN em divulgar o patrimônio cultural de um dos municípios cearenses, Acaraú. Esta publicação refere-se a uma das medidas compensatórias previstas no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC003/2014) firmado entre o IPHAN e a Central Eólica Volta do Rio S.A. (processo nº 01496.000254/2008-21) em decorrência de impacto a sítios arqueológicos identificados no município de Acaraú (CE) durante a implantação de empreendimentos eólico e linhas de transmissão.

PREFÁCIO

Neste livro, você vai encontrar histórias de aventura e mistério, descobertas sobre o Acaraú de antigamente. Nele, vai deparar-se com narrativas que têm como cenário a sede do município e alguns distritos, como Santa Fé e Aranaú. Por meio dele queremos divulgar as muitas histórias e memórias que foram coletadas em entrevistas e rodas de conversa e ajudar você, leitor, a descobrir muitas outras. Nós autores acreditamos que, conhecendo sobre o passado da sua cidade, você terá meios de valorizar o que é vivido no presente e preservar o patrimônio para o futuro.

Boa leitura a todos.


Aranaú
Cachoeiras
Curral Velho
Mugunba
Sede
Espraiado
Volta do Rio
Juritianha
Tucunzeiros
Lagoa do Carneiro
Queimadas
Telhas
Santa Fé

UNIDADE 1 – SERTÃO

FARINHA TEM CASA?

Cresci em uma cidade do interior do Ceará. Acaraú significa Rio das Garças. Sempre achei poético esse nome. Lugar onde as garças pousam pra descansar. É bem a cara do Acaraú. Vivi os domingos de missa e praça. A liberdade de ser criança em cidade pequena. Colher fruta do pé, subir em árvore, pular cerca e nadar. Tomar sol todos os dias. Ficar sem fazer nada, só pensando no futuro. Pensando em quando irei conhecer esse mundão fora do Acaraú. Penso que gostaria de morar numa cidade grande, pois gosto de como a cidade funciona: a correria, as luzes, o barulho, a possibilidade de conhecer gente nova todos os dias e fazer coisas novas. Mas também me fascina o andar quase parando das cidades do interior... Quem vai me entender?

Lembro-me de muita coisa de minha infância com alegria. Visitar minha avó Teresa era uma dessas alegrias. Íamos meu pai e eu, pegávamos pau de arara pra chegar lá. Depois papai comprou uma moto barulhenta, mas que era o xodó dele, pois batalhou muito para obtê-la. Trocou seu cavalo de luta por uma bicicleta, mas meu pai não sabia, naquela época, que a bicicleta não andava na terra solta. Foi um chororô danado, não tinha mais seu cavalo, nem como trabalhar. Daí veio a novidade, era a

moto a grande felicidade. Na verdade, todo mundo queria ter uma moto no Acaraú. Era uma das formas mais rápidas de chegar aos lugares e se fazia muito chão com pouca gasolina. A gente podia ir de um lado para o outro da cidade. E passear de moto é muito legal. Aquele ventinho no cabelo... e no caminho papai ia cumprimentando um e outro.

– Diga lá, compadre! Como vai a família? Depois vá lá em casa tomar um cafezinho e jogar conversa fora! A mulher fez um grude gostoso, não tem no mundo quem faça desfeita.

Quando eu era criança, ficava intrigada com essas expressões.



Como se faz pra "jogar a conversa"? Mas, a gente vai crescendo e deixa de perguntar sobre as coisas, esquece de tentar saber o sentido de tudo. Cresce sem se indagar sobre a vida, acreditando saber de algo, quando na verdade continuamos sem saber de nada.

Papai gostava muito de jogar conversa fora. Vivia contando suas histórias de criança. Quando ele era garotinho em Santa Fé, onde vó Teresa morava... Opa! Não era Santa Fé ainda. Naquela época era chamada Paus Branco! Papai dizia que tinha muitas dessas árvores lá e por isso era chamada assim. Deve ser igual ao pau-brasil que a professora de história falava. O Brasil se chama Brasil por causa da árvore pau-brasil. Papai dizia que a árvore pau-branco do sertão era alta, com a copa grande e repleta de flores brancas. Dessa árvore se tirava tudo, se faziam móveis, ripas pra construção de casas e as flores serviam até pra remédio. Parece que quase não existe mais, o que é uma pena, pois devia ser bonita. Quando as árvores de pau-branco foram acabando, decidiram mudar o nome para Santa Fé. Também deve ter um motivo para ter passado a se chamar Santa Fé. Na missa de domingo, o padre sempre repete que pra viver nessa vida é preciso ter fé, e deve ser isso mesmo. A fé tá em toda coisa bonita que a gente acredita. Papai nunca foi na igreja, mas, sempre que olhava pro céu, dizia:

– Filha, tá vendo esse céu bonito? Tá vendo cada uma dessas estrelinhas? Elas carregam a energia da natureza e nós temos muita sorte por ter cada uma dessas belezas que a natureza dá pra gente. E assim meu pai fazia todas as noites ao deitar na rede. Olhava pro céu e agradecia por cada estrela que brilhava. Nunca soube a quem ele agradecia, mas aprendi a acreditar e a ser grata pela vida.

Nas visitas à vó Teresa, gostava de brincar com seu cãozinho. Era um vira-lata simpático, alegre e esperto pra danar. Chamava ele de Zoiúdo porque tinha o corpo pequeno e o olho grandão. Quando me via, corria que nem louco em minha direção. Pulava em meu peito, depois começava a girar e a latir numa felicidade sem fim. Zoiúdo gostava de mim porque eu o levava pra passear sempre que estava por lá. Tinha muito espaço pra ele correr, muita árvore onde se esconder. Porque no sertão era uma casa aqui e outra acolá. Antes dos passeios, eu subia nos cajueiros e comia muito caju, pra ficar abastecida para o resto da caminhada. Minha mãe não gostava disso porque manchava as roupas com nódoa de caju.



Depois de comer, Zoiúdo saía correndo na frente e eu na bicicleta tentava acompanhar. Ele corria, corria e cansava. Quando cansava, eu botava ele na cestinha da bicicleta. Mesmo gostando de ir na cestinha, Zoiúdo não passava muito tempo. Logo queria ir correndo na frente, a me mostrar o caminho, como se fosse o mestre da brincadeira.

Em um desses passeios, Zoiúdo sumiu. Dei várias voltas no caminho cheio de mata e nada de encontrar. Não podia voltar pra casa sem ele. Perder o cachorro dela assim... O que vó Teresa ia dizer?

– Danou-se, menina arteira! Tu perdeu o Zoiúdo? Quem vai me fazer companhia de noite? Ave Maria! Vá logo atrás dele, leseira!

Continuei procurando e pedalando. Ouvi uns latidos. Pensei: será que é o Zoiúdo? Parei a bicicleta e tentei perceber de onde vinha o som. Daí, cada vez que ouvia, pedalava mais rápido pro lado onde escutava o som.

– Zoiúdo, onde você está?

Eu fui perguntando para ouvir se ele latia. Ele latiu um latido bem medroso e eu fui seguindo o som. Quando dei por mim, já não sabia mais onde estava. Nunca tinha ido andar de bicicleta tão longe. Já estava chegando nos tapuias. Os tapuias eram os índios donos da terra. Na escola, a professora falava que eles moravam aqui antes de nós, mas que não era certo chamá-los assim. E sempre a professora repetia:

– Os índios que moravam no litoral eram conhecidos como tupis e tiveram maior contato com os colonizadores. Já os índios que moravam no interior não tinham os mesmos hábitos e nem falavam a mesma língua dos tupis, por isso foram chamados de tapuias, porque eram diferentes. Até hoje existem as casinhas dos índios lá. Vó Teresa dizia que elas estão lá há mais de 100 anos. Muito tempo, né? Nem vó Teresa era nascida nesse tempo.

Enquanto procurava Zoiúdo, comecei a olhar aquele local. Avistei uma casa quase sem muros. Tinha um telhado feito de madeira e palha, com ripas grossas sustentando o telhado, tudo bem rústico, mas muito forte. Parecia ser antigo também. Havia um forno feito de tijolos vermelhos de barro e pedras na base. Eu já estava muito cansada, precisava tomar fôlego. Daí sentei e resolvi esperar que Zoiúdo aparecesse. Eu estava sozinha ali, mas sentia como se escutasse conversas e sons. Arrepiei-me toda, mas tentei não dar muita atenção. Peguei um cipó e fiquei riscando o chão seco. De repente, ouvi passos, muitos passos. Pessoas conversando, falavam e riam alto. Perguntei:

– Tem alguém aí?

Não me responderam, no entanto, as conversas continuavam. Mas o que era aquilo? Olhava de um lado pro outro, nada de gente e nem de Zoiúdo. Isso só pode ser sede... É coisa da minha cabeça! Um sol danado desses... acho que exagerei no passeio. Pensei em voltar, mas precisava descansar um pouco para conseguir voltar. Então as vozes começaram a cantar.

"Na casa de aviamento,
do Militão na Gijoca,
Anda tudo em movimento,
trabalhando na mandioca.

Mexe a massa o velho Bento,
que junto ao forno sufoca.
Puxam o rodele a contanto,
dois cabras bons de maloca.

Do banco do caitetú,
lavado de manipueira
O Raimundo Jaburú

Pisca os olhos p'ra Maria
E ali mesmo na masseira,
um namoro principia."

A cada estrofe da canção e a cada repetição da melodia, eu comecei a ver pessoas que cantavam. Mulheres, homens e crianças. As mulheres estavam todas sentadas em roda, conversavam e riam. Todas descascavam mandioca, nunca vi tanta mandioca junta. Fiquei estática e não conseguia sair do lugar. "Que assombração é essa, meu Deus?!", pensei. Estava com medo, mas de repente uma moça encostou em meu ombro.

– Vai ficar aí parada, leseira! Avia!

No mesmo instante, me lembrei de Vó Teresa, parecia ela falando. Uma vez ela me contou que quando era moça descascava mandioca para fazer farinha. Vó Teresa era toda cheia de sabedoria. Quando tinha palha de carnaúba, ela sempre inventava alguma coisa para fazer. É vassoura, é esteira e tem os bordados também. Ela me deu uma almofada com bilros pra fazer renda, mas não tive muito jeito não. Me confundia toda com aquele monte de bilros e linhas. Pensando bem, eu nunca tentei com vontade. Talvez conseguisse, se tentasse de verdade.

Olhei pra moça. Ela era tão bonita. Cabelos longos presos com uma fita. Sandália de couro, um bonito vestido apertado que marcava a cintura e um crucifixo no pescoço. Era espontânea e muito esperta. Riu de mim e logo em seguida passou a descascar mandioca junto com as outras. Os mais novos observavam, os mais velhos davam ordens. E os mais fortes botavam força pra fazer a roda girar. Todos trabalhavam em meio à névoa de farinha. Cada um fazendo sua função. Várias mãos que descascavam a mandioca, depois de limpinhas, iam pro caititu e começava a ralação. Rala, rala a mandioca e manda ela pra prensa até escorrer cada gotinha. Espreme, espreme essa bichinha e não pode deixar nada não! O cheiro da manipueira se espalhava pelo terreiro todo. Dizem que é bem venenosa... Comeu? Morre na hora. É coisa que os índios sabiam e que a gente aprendeu. Um cheiro forte e saboroso tomava de conta do ambiente. Cheiro de farinha, de tapioca, de beiju. Cheiro de mandioca!

Então, cutucaram a moça de cabelos longos, apontando pra um moço de enxada na mão.

– Olha lá! É o Ramalho chegando. Acho que ele vem aqui só para ver você. Olhe que dessa farinhada vai sair casório!

Todas as mulheres gargalharam. O rapaz vinha gingando, sorriu pra moça e depois se encostou em uma das vigas, próximo a mim. Ele tinha

um jeito que não me era estranho. Encostou a enxada e olhou pra mim com um olhar terno e vivo. Não disse nada, mas me deixou sem medo algum. Eu sabia de quem era aquele olhar. Era de meu avô Ramalho, falecido há poucos anos. Fiquei contente de ver novamente aquele olhar. Com os olhos cheios d'água, pensei em falar com ele, então ouvi um latido alto. No mesmo instante, todo aquele alvoroço se diluiu como pó. Toda a música, os cheiros e as pessoas sumiram. Zoiúdo pulou em meu peito, latindo sem fim.

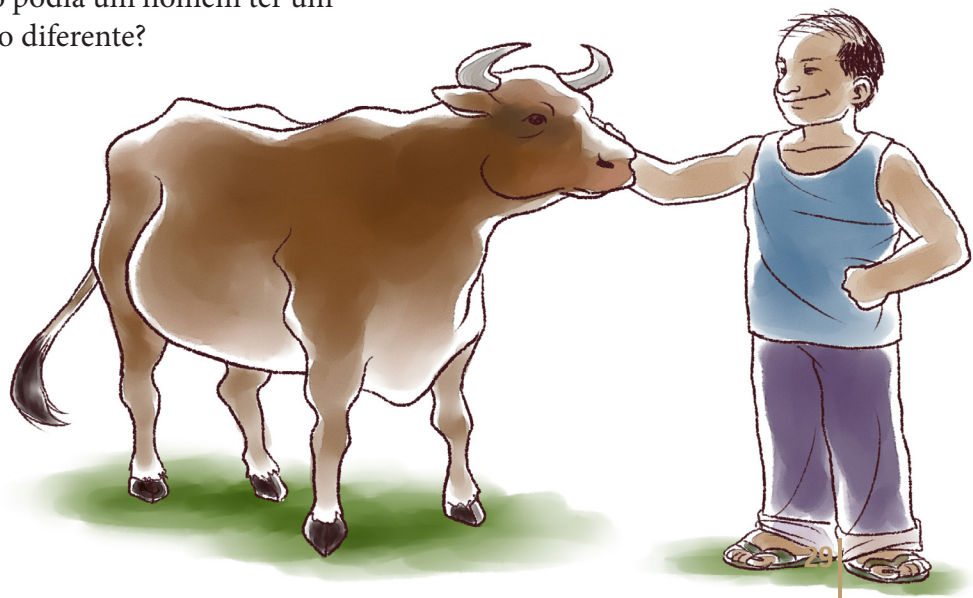
Era hora de voltar pra casa. Toda festa de farinhada tem seu fim.



Os versos citados neste conto são da poesia "Farinhada" de autoria de Nicodemos Araújo, publicada no jornal O Acaraú, em 15 de agosto de 1956.

BOI ENDIABRADO

Conta-se uma história de tempos atrás nas terras do Acaraú, que um homem de pele negra e estatura pequena, com um sorriso largo daqueles que mostra todos os dentes da boca, era dono de um boi muito misterioso. Dizia-se que era um boi diferente de todos os outros. Na cidade a curiosidade era grande. Todos queriam entender aquele boi que parecia mágico. E sobre o homem, o que sabiam?
Como podia um homem ter um
boi tão diferente?



Antonino era o nome dele, mas por esse nome nem adiantava procurar. Desde pequeno ganhou apelido e com esse se fez notar. Era conhecido nos quatro cantos da cidade como Nino, o Nino do boi. Seu Nino tinha fama de encantador de boi. Muitas histórias existiam sobre ele. Em Santa Fé, diziam que ele tinha pacto com o coisa ruim. No Curral Velho, apostavam que ele era um enviado do céu na Terra. Em Juritianha, alguns diziam que tinha o dom de hipnotizar os animais com suas cantorias. Em cada lado da cidade uma versão existia.

Mas o dom de Nino era mesmo as cantorias e disso ele entendia bem. Brincava de reiso desde rapazote. Começou seguindo o tio, e de aprendiz passou a mestre. Herdou do tio não só os bonecos, mas também o passo da dança, as letras de repente e o forte tom de voz. Mas de tudo que o tio poderia ter lhe deixado, o presente mais adorado foi o boi endiabrado. "Aquele boi era enfeitiçado", dizia Nino desde moço.

O tio de Nino custou a dar ao moleque o prazer de fazer o boi. Foi uma luta para o rapaz provar que estava pronto para a responsabilidade. Ora, se o melhor mestre de reiso ia deixar seu boi na mão de um moleque! Mas Nino era persistente. Acompanhou o tio em todas as apresentações até aprender direitinho cada giro do boi no terreiro. E quando aprendeu... Ah, o rapaz ficou satisfeito!

Sua primeira apresentação se deu em festa grande. Nino guardou para sempre na memória. Foi no ano de 1948. Acaraú teria uma grande vaquejada, como há tempos não acontecia. Já pensou que honra seria ver o rapaz dançar na frente de tanta gente que na vaquejada estaria? O festejo seria na praça São Sebastião. A companhia de reiso foi convidada diretamente pelo prefeito para fazer a abertura da festa. A responsabilidade era grande. A cidade toda estaria assistindo à estreia de Nino no boi. A família do prefeito também estava ali para acompanhar a festa. O tio de Nino não podia arriscar perder sua fama de melhor mestre de reiso que se conhecia no Acaraú e, olhe lá, sua fama era tão grande que ia até a capital. Já tinha ido muitas vezes dançar lá na cidade a convite de gente importante.

O moleque não se amedrontou. Tinha pouco mais de 15 anos, mas já era firme em suas decisões. E quando a praça começou a ficar lotada, chegando gente de todos os lados do Acaraú, se aproximava a hora de Nino dançar. O tio entrou primeiro, era ele que puxava os repentes.



Sempre cantava sozinho, tinha na garganta uma força incrível. Mas nesse dia, a ocasião era especial, veio com sanfoneiro para acompanhar a cantoria. Quanto mais o sanfoneiro tocava, mais aumentava a alegria.

Como era de costume, o mestre chamava a atenção do público para apresentar os brincantes. O tio de Nino se orgulhava muito de fazer suas próprias letras. Com isso, podia-se dizer que mestre de reiso como ele nunca existiria. Viveu muitos anos no sertão e de lá muitas histórias conhecia. Era disso que tirava inspiração para compor suas cantorias. Misturava o que viveu com o que podia ter vivido. Era cheio de imaginação, o tio de Nino. E quando começava a cantar, era uma beleza de ouvir. Sentia-se toda a emoção que ele tinha naquele fazer.

"Oh de casa ou de fora,
Quem é que está aí.
Eu vim de longe, senhora
Fazer a brincadeira aqui."

A plateia da festa era animada. Nino tremeu as pernas ao ouvir o coro responder. Entendeu porque o tio escolhera aquele modo de viver.

"Pode vim, pode vim.
Estamos aqui pra aplaudir"



E daí em diante a animação foi grande. Cada personagem que entrou na roda foi deixando sua marca. Primeiro o bode, depois o caboré, a burrinha e o caçador. A velha estava sempre na roda fazendo palhaçada e pedindo ajudinhas pra a companhia. Os mascarados dançavam com muita euforia. Vestiam roupas bonitas e coloridas pra agradar quem assistia. Era toada pra cá, toada pra lá. A sanfona botou todo mundo pra dançar. Era criança, jovem e adulto, todo mundo envolvido na brincadeira do tio de Nino. Bem que ele dizia que "reiso como o dele jamais existiria".

De cantoria em cantoria, o tempo passou rápido. Até que chegou o momento mais esperado. A sanfona fez suspense e o público com os olhos arregalados. Com a música do tio, o boi foi chamado. Nino atrás da cortina pulava de tão empolgado e ouvia o público gritar animado.

Mas o tio cantava lentamente o repente do boi brabo. Era o seu personagem preferido, não podia cantar apressado.

"Foi um caso que se deu numa fazenda de adão,
Nasceu um bezerro magro que me causou admiração.
O bichim nasceu bem cedo,
Com um quilo e meio já se levantou.
E o pessoal que tava lá,
logo se admirou..."

Ao final do último verso, Nino pulou na praça. Foi gritaria pra todo lado. O boi de Nino era endiabrado. "Olha o boi enfeitiçado", dizia o menino. Corria e girava no meio da praça. O público acompanhava espantado todos aqueles saltos.

"Não demorou muito não,
pro bezerro crescer.
Se tornou bem rápido,
um boi de meter medo em você.
Era um daqueles zangado,
Mais endiabrado que você pode conhecer."

E a alegria da criançada começava. O boi ia sapateando pra cima do público. Tinha criança e até adulto com medo do bicho. Será que não sabiam que ali embaixo era o Nino? Sabendo ou não, todo mundo entrou na brincadeira. O boi dava um passo pra frente e o povo um passo pra trás. E nessa brincadeira a noite ia passando ligeiro. Mas Nino não arredou o pé da roda. Estava disposto a impressionar a cidade, mas tinha um motivo especial. Na plateia, um olhar atento fazia o coração de Nino saltar pela boca do boi. E ele estava ali todo faceiro, exibindo o seu trabalho pro olhar daquela moça.

Mas a hora corria e a vaquejada precisava começar. O tio de Nino, já cansado de tanto cantar, encerrou a toada, e o boi já saindo da roda, passou com jeitinho do lado da moça, que ao olhar se mostrou toda prosa. Quando o boi atravessou a cortina, a plateia gritou e aplaudiu. Foi uma apresentação bonita como jamais se viu. E no final, Nino sorriu porque da moça os olhares atraiu.

Aquele dia ficou marcado na história da cidade. Teve vaquejada com um boi endiabrado. Daquele momento em diante, ninguém jamais se esqueceu do boi de Nino. A repercussão do caso foi tão grande que virou notícia no jornal. O tal boi misterioso que animou a festa era o fato principal. O tio de Nino guardou o recorte com muito zelo e, pra quem perguntava, mostrava-o com orgulho. Repetia em detalhes cada parte do acontecido.

O rapaz tornou-se homem com seu boi acompanhando. Agora ele era o mestre da companhia que tinha sido do tio.

"Aqui no meu sertão,
um caso inédito aconteceu.
Um boi misterioso o povo enlouqueceu.
Nem o prefeito da cidade do fato se esqueceu."

O homem Nino agora fazia suas cantorias. Sempre se lembrando do causo que lhe deu tanta alegria e o amor daquela mocinha, eram as duas coisas de que mais se orgulhava na vida. Famoso na cidade, estava sempre presente nos eventos do local. Em todo lugar que ia, logo alguém dizia, olha o Nino do boi.

Ninguém sabia explicar a tal magia. Mas quando Nino se vestia de boi, era como se o bicho ganhasse vida. Não era mais só um personagem de reiso, todos percebiam. E na hora da dança, viravam um só. Aquele boi era enfeitiçado, só podia! Era um homem pequeno, o Nino do boi. Não impressionava pelo tamanho, mas pela força do seu boi. Ninguém sabia explicar como tudo acontecia, só se sabia que quando Nino começava a brincadeira, a cidade toda parava e assistia. Foi assim que sua fama se espalhou pelas terras na beira do rio Acaraú. Quem por ali morava, das histórias já o conhecia. Era o encantador de boi, dono do boi endiabrado.

Já dizia o menino Nino: "eita boi enfeitiçado!".



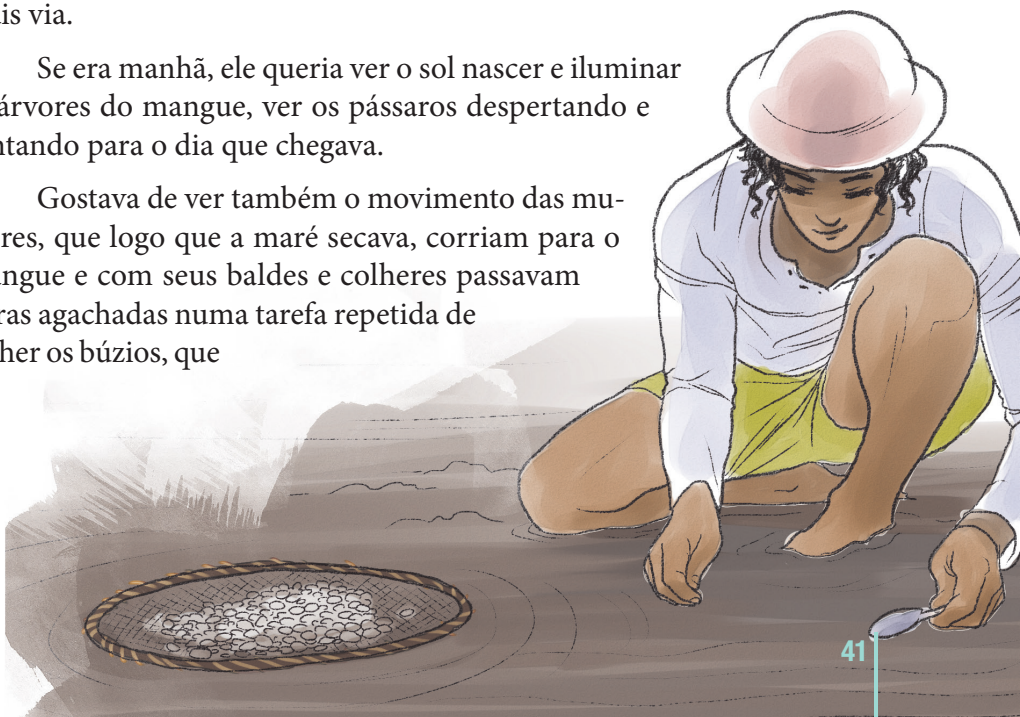
UNIDADE 2 – MAR

O MENINO DOS OLHOS DE RIO

Eram olhos grandes e curiosos! Sempre atentos, como se a todo momento descobrisse algo novo. Olhos que não cansavam de ver sempre a mesma paisagem. Mas ela não era a mesma! Não para o menino que olhava com a alma e, por isso, era capaz de enxergar coisas que ninguém mais via.

Se era manhã, ele queria ver o sol nascer e iluminar as árvores do mangue, ver os pássaros despertando e cantando para o dia que chegava.

Gostava de ver também o movimento das mulheres, que logo que a maré secava, corriam para o mangue e com seus baldes e colheres passavam horas agachadas numa tarefa repetida de colher os búzios, que



surgiam como se fosse um milagre brotando da terra e garantindo o sustento de todos. Era um trabalho que não tinha hora certa. As pessoas desse lugar, que se chamava Espraiado, nem precisavam de relógio e quase ninguém tinha, pois era a natureza quem dizia o tempo da vida. Todo mundo acorda com o sol e com o canto dos pássaros, trabalha na hora da maré e começa a se aquietar quando o sol vai sumindo... naquela hora do dia que o céu fica todo colorido com seus raios alaranjados, lilases e vermelhos... Ah! Como o menino gosta dessa hora! Que alegria ele sente ao ver o pôr do sol. É bem verdade que às vezes o pôr do sol traz uma tristezinha consigo. Mas o menino achava o entardecer tão lindo, tão lindo que fazia as pessoas sentirem algo que nem sabiam o nome e pensavam que era tristeza.

Na escola, ele aprendeu a usar um dicionário e desde então procurava palavras que pudessem traduzir o que a alma sente no fim do dia: contentamento, melancolia, consternação, introspecção, encantamento... Mas nenhuma delas era suficiente pra explicar, talvez porque a gente sinta um pouquinho de cada coisa... Ah! Espera aí... o menino descobriu a palavra PLE-NI-TU-DE. Que alegria ele sentiu ao encontrar uma palavra nova que chegava pertinho do que seu coração sente quando ele olha para o seu mundo. Plenitude! Plenitude! Ah, que plenitude se pode ter quando se pode ver com os olhos da alma!

Mas o pôr do sol também era alegre porque anunciava a noite! Alguns meninos tinham medo do escuro e de todos os assombros que se aproveitam da escuridão para se mostrar. Os adultos, que podiam andar pelas veredas da comunidade à noite, sempre contavam histórias dos encantados. Aliás, quase sempre os vizinhos se juntavam no alpendre de alguma casa, comiam beiju, conversavam sobre o dia, o trabalho, uma notícia que ouviram no rádio lá da cidade ou de mais longe, e entre uma conversa séria e outra contavam histórias. Eram os lobisomens nas noites de lua, o assobiador e a história que o menino mais gostava: um carro de boi todo enfeitado que trazia um caixão. Dizem que o boi tinha uma estrela bem reluzente no meio da testa.

O menino sempre sentia medo quando ouvia essa história. Ele tentava disfarçar, mas ficava todo arrepiado e seus olhos, que já eram grandes, ficavam ainda maiores. Mas como ele era um menino muito curioso, a curiosidade era sempre maior que o medo e ele desandava a

fazer perguntas que nem sempre os adultos sabiam responder, afinal, as assombrações são os mistérios da vida! Mesmo assim, ele perguntava, perguntava e perguntava... Até que os adultos se cansavam e mandavam as crianças pra cama.

Ele dormia no quarto com seus outros três irmãos. Era uma casa baixinha, construída pelos seus pais e os vizinhos com taipa e coberta com telhas. Uma casa de pescador, pequena e aconchegante, enfeitada com as conchas mais bonitas que a família encontrava na praia, com as rendas de bilro que a sua mãe fazia. No cantinho da sala também ficava pendurada a rede de pesca do seu pai e alguns caçuás que ele mesmo fazia.

No entanto, o que o menino mais gostava na sua casa é que entre a parede e as telhas sempre ficava um espaço por onde ele podia ver o céu. Todas as casas da comunidade ficavam pertinho do mar; quando a maré enchia, eles podiam ouvir o som das ondas e do rio, que se encontravam. Toda noite ele ficava um tempão olhando as estrelas, se perguntava qual delas que ficava na testa do boi. Quando fechava os olhos, conseguia ver como o mangue ficava bonito nas noites de lua. Ficava tudo claro, a água parecia um espelho e a gente podia ver duas luas: uma no céu e outra no rio. As folhas das árvores no mangue ficavam todas prateadas, e quando dava um vento forte, a lua e as árvores dançavam juntas o som que o rio tocava. Às vezes, o assobiador assobiava uma música pra elas dançarem, mas os adultos não conseguiam perceber porque tinham medo demais. Pouco a pouco ele adormecia, um sono tranquilo, que só seria interrompido pelo canto dos pássaros quando o dia despontava.

Ninguém sabia ao certo porque o menino passava tanto tempo parado, olhando pro tempo, como se dizia por lá. Mas as avós, que são mais experientes com o mundo dos meninos, diziam que é porque ele é filho da maré.

"Mas, o que é ser filho da maré?", perguntava o menino curioso a sua vó, ao que ela respondia depois de uma longa e gostosa risada.

– É que tu foi feito praticamente na maré! Tua mãe teve de ir pra maré durante toda a gravidez, assim, tu pequenininho na barriga dela ia pro mangue. Como a gente era pobre demais, ela não tinha descanso e já com nove meses precisava continuar mariscando... Faz pouco tempo que a gente começou a ter ambulância e estradas pra ir pra cidade. Naquele

tempo, se um ficava doente, era metido numa rede e carregado pelos parentes e amigos até o Acaraú pra ser atendido no hospital. Pra menino nascer era a mesma agonia! Tua mãe tava na praia, catando búzio, quando começou a sentir dor de menino, aí tentaram carregar ela na rede. Era uma caminhada difícil! Tinha de seguir pelo rio, ir até a Ilha do Rato, botar na canoa e atravessar o rio, seguir mais um tanto na rede até o hospital, era uma caminhada de meio dia e tu não quis esperar!

Nasceu dentro da canoa e fui eu quem te peguei! Depois te banhei no rio e te coloquei no colo da tua mãe... A gente voltou pra casa e ficou tudo bem.

O menino olhava atenciosamente pra história que a vó contava... era a história mais bonita de todas as que ele já tinha escutado, porque era a sua. A história do menino que nasceu no rio! Do menino que foi carregado na rede entre afetos e aconchego desde a primeira hora da sua vida.

O menino também não sabia dizer se era daí que vinha seu amor pelo rio, só sabia que desde que soube dessa história conseguiu amar o rio ainda mais... e que seus olhos não cansavam de olhar pra toda aquela beleza e ver coisas que só ele via. E mesmo quando tinha de ir pra escola ou fazer outras coisas na cidade, longe de casa e do seu rio, ele fechava os olhos e via tudo: o rio, os bichos, as árvores, o pôr do sol, sua mãe e todas as outras mulheres da comunidade mariscando, o pai indo pescar, a canoinha, enfim, via tudo, porque a paisagem morava dentro dele!

Um dia o menino ficou doente, era uma dessas viroses que dá em tempo de chuva e logo passa. Sua mãe nem o levou para o médico, pois era uma dificuldade pra chegar lá e tinha de ficar o dia na fila pra ser atendido, além disso, o menino tinha os remédios que a vó fazia e que sempre funcionavam – era só colocar malvarisco, eucalipto, romã, alho, limão e mel no fogo e tava pronto! Sempre funcionava!

O pior de tudo para o menino era não poder sair de casa para não pegar sereno e friagem. As horas pareciam anos. No começo, o menino fechava os olhos e se imaginava brincando no rio, pegando siris e outras coisas que sempre fazia, mas logo foi ficando inquieto, angustiado... Queria pular da cama, mas levaria um carão enorme da mãe e era bem capaz de ficar de castigo sem sair de casa, o que seria muito pior!

Foi assim por uns três dias, e a febre só aumentava. No quarto dia, o

menino já se sentia fraco, não conseguia comer direito porque a garganta doía. A vó fazia caldo de peixe e trazia na cama, ele resmungava, dizia que beberia se ela abrisse a janela do quarto pra ele olhar a paisagem e ela sempre cedia, mesmo achando que o vento frio ia fazer ele piorar. Depois de beber um pouquinho do caldo, o menino olhava fixamente pra janela e, com febre alta e já cansado, sentiu o corpo desfalecendo e uma sensação estranha, assim, entre dormir e delirar. De repente, com seus olhos grandes, conseguiu ver todo o rio, as árvores e os pássaros, sentiu os pés descalços tocando a areia e isso lhe deu conforto, uma sensação boa de leveza... ou seria plenitude? Mas essa sensação de leveza durou muito pouco e seria substituída por um horror que o menino nunca tinha sentido em toda a sua vida!

De longe, escutava um ruído que se tornava cada vez mais forte e se aproximava. O menino pensou em correr pra longe, mas, como era curioso demais, precisava ficar e entender o que estava acontecendo. Percebeu que a copa das árvores tremia e estas gemiam quando o vento soprava, mas agora era um gemido triste como se sentissem dor.

O corpo do menino também tremia, sentia um arrepio e um medo, mas ainda nem sabia de quê. Só sabia que algo terrível estava acontecendo. Olhou com mais atenção e viu uma luz forte. Seria a luz da estrela na testa do boi? Mas era bem pior! Era um enorme monstro amarelo, com olhos reluzentes e mãos gigantes que derrubavam as árvores sem fazer quase nenhum esforço!

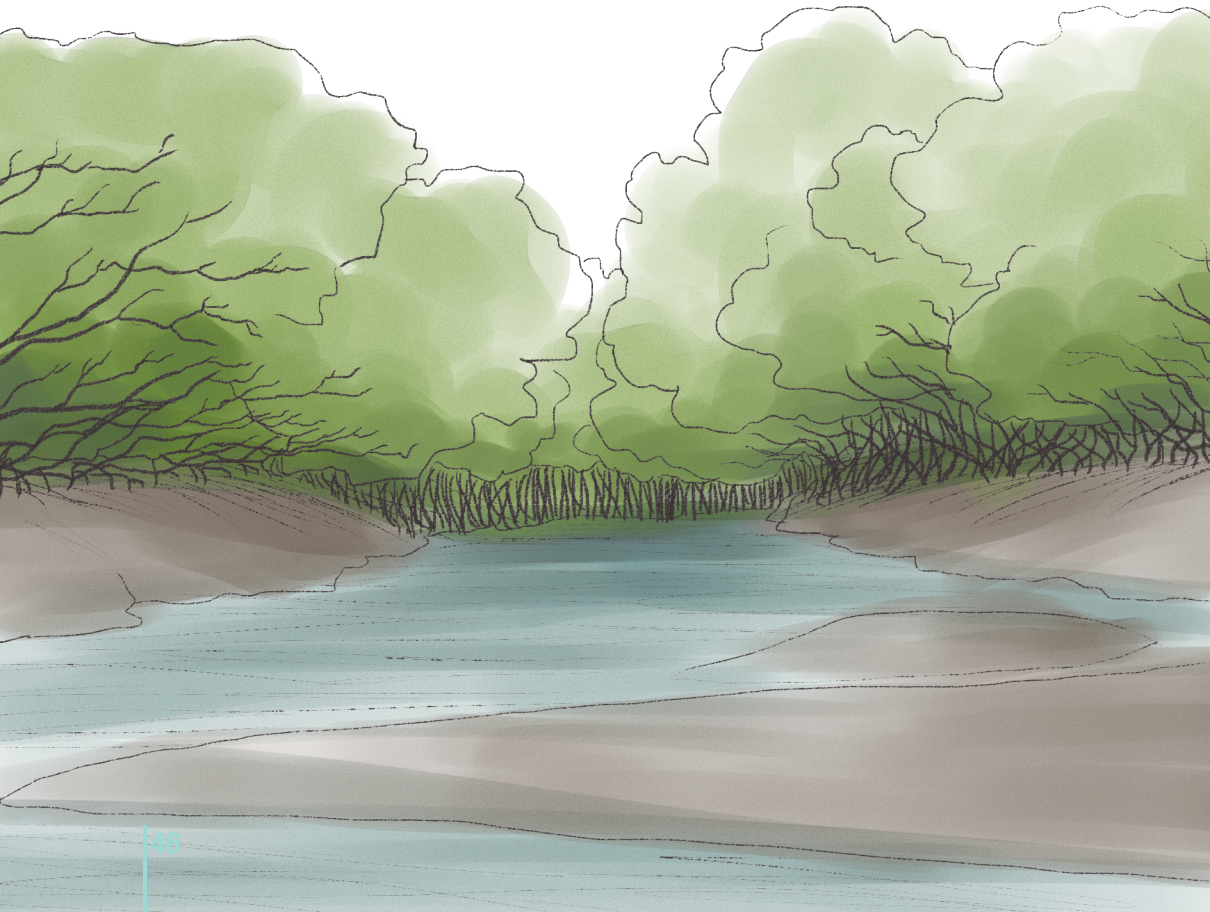
Não sabia o que fazer e, na verdade, estava tão trêmulo que quase não conseguia sair do lugar. Só conseguia pensar em como os pássaros, os peixes, os caranguejos e siris viveriam se a mata fosse destruída... Como ele, sua família e todos os seus amigos sobreviveriam sem o mangue? Depois de alguns minutos – ou horas, quem sabe? –, conseguiu correr e chamar os adultos, mas eles não deram atenção e continuaram com seus afazeres. Só outras crianças decidiram vir e ver o que ele estava falando e perceberam que o monstro amarelo estava cada vez mais perto. As luzes de seus olhos eram tão fortes que encadeavam os olhos grandes do menino. Ele não conseguia fazer nada e, pouco a pouco, se viu envolvido na luz dos olhos do monstro amarelo. Até que, de repente, escutou a voz de sua mãe lá longe:

– Acorda, Pedro! Acorda, querido, que tá na hora de beber o lam-

bedor que a vovó fez pra você!

O menino despertou aliviado! Abraçou a mãe longamente enquanto sentia seu coração palpitar. Olhou pra janela e viu que a paisagem estava igualzinha. Tinha sido só um sonho. Um pesadelo terrível.

Pedro, o menino dos olhos de rio, ficou bom em poucos dias e – podem acreditar! – depois daquele terrível pesadelo, ele conseguia gostar ainda mais do seu lugar!



O MISTÉRIO DA BOTIJA DE BARRO

Há tempos Bento estava acabrunhado, desanimado, desenxabido. Triste mesmo andava o pobre menino. Morava em uma casa simples, próxima à praia, com a mãe e o avô. Das Dores tinha tido o menino muito nova, o pai era ausente. Seu avô Juvenal, desde sempre, fez as vezes de pai, estava sempre com Bento encangado no pescoço.

Da escola não falava muito, apontava nos dedos os amigos, era cambota, usava óculos fundo de garrafa, tinha os dentes tortos. Tico e Zeca eram os fiéis companheiros, amigos pra toda hora. Mas nos últimos tempos, Bento andava isolado e, apesar de ser um ótimo aluno, ia empurrado aprender as lições da professora Cândida. Os moleques aproveitavam e zombavam ainda mais de Bento. O garoto nem revidava, passava com os livros embaixo do braço e se sentava no lugar de sempre, perto da janela que dava para a grande Timbaúba bem no meio da praça.

Passava horas contemplando a planta. O avô contava que aquela árvore havia dado nome à comunidade do Aranaú:

– Esse lugar aqui era só areia, menino Bento. No tempo do seu tatatata... tataravô, o finado João Pereira Brandão, tinha um mundo de

timbaúbas como aquela grande lá da praça. Por isso esse lugar foi batizado de Timbaúba.

Na escola, Bento já tinha ouvido essa explicação da professora Cândida, que depois completava:

– De Timbaúba passou a chamar Aranaú, na década de 1950, devido à confusão com outra comunidade de mesmo nome. As cartas iam parar na Timbaúba errada.



Mas o que o menino gostava mesmo de fazer era escutar as histórias contadas por seu avô. Juvenal havia nascido e se criado no Aranaú, na mesma casa onde agora morava com o neto e a filha. O velho foi o primeiro a lhe explicar que a escolha do nome Aranaú foi por causa da semelhança dos caranguejos do mangue com as aranhas, além da abundante presença de água, tendo o rio e o mar por perto. Esse era o nome que os índios deram ao lugar. Bento olhava pensativo para o avô: sabia de tudo, esse velho?

Foi justamente uma das histórias de Juvenal que fez com que Bento se encontrasse nesse estado de desânimo.

Certa noite, sentado na costumeira cadeira de descanso no terreiro da casa, Juvenal tirou Bento da televisão:

– Bora, moleque, hoje vou lhe contar o mistério da botija de barro!

Nessas horas, o menino era mais ligeiro que calango em fuga. Erguia o corpo fino e com dois pulos estava no batente da porta. O avô começou:

– Nos tempos de João Pereira Brandão, Aranaú era cheio de comboieiros. Esses negociantes vinham da serra com os caçuás cheios de rapadura, deixavam por aqui e em troca levavam peixe seco, artigo raro pelas bandas da serra e dos sertões. Sua avó cansou de limpar, salgar e pôr pra secar o peixe, esperando o dia que os comboieiros trariam a rapadura.

Bento não se movia, ao longe podia ouvir o barulho do mar, a brisa era fresca e o tempo parecia ter parado. E o velho continuou:

– Seu tatata... tataravô fez riqueza vendendo peixe seco. Tinha currais, terras e alguns poucos escravos. Naquele tempo, o dinheiro era escasso e as riquezas estavam nos produtos que eram trocados por outros produtos. Acontece que o homem tinha algumas moedas de ouro, duas ou três joias de família e um punhado de moedas de prata. Aranaú, ou melhor, Timbaúba, era um local de passagem, não havia estradas como as de hoje, só veredas e trilhas que cortavam os matos. O rio Acaraú e o mar também serviam como caminhos para chegar ou sair. Nessa altura da história, Bento interrompeu:

– Mas quanto tempo levava a viagem se não tinham estradas? O jeito era ir pelo mar?

E Juvenal, gostando da curiosidade do menino, respondeu:

– Ora Bento, isso dependia de onde vinham ou para onde iam. Se fossem pra Serra, era pela terra mesmo e o percurso durava uns 3 dias. Agora se fossem pra capital, tinham dois caminhos: por terra, no lombo dos animais, o que durava pra mais de 5 dias; ou pelo mar, saindo de navio do porto de Camocim. Encurtava, mas encarecia demais a viagem. O velho, então, deu um suspiro e retomou a história:

– Como eu ia dizendo, Aranaú era um local de passagem. Por aqui andava toda sorte de gente: bons negociantes, gente boa, mas também ladrões metidos a espertos. Não havia banco para guardar o dinheiro. Então, o velho Brandão Pereira colocou tudo numa botija de barro e, numa noite, escondido do povo todo, enterrou o pote não se sabe onde.

Assim que o avô fechou a boca, Bento ficou branco. Um terror atingiu a espinha do menino. Sem poder se mexer, ouviu o restante da história.

– Tempos depois, o velho rico morreu sem contar a ninguém onde havia escondido o pote cheio das suas riquezas. Muita gente já tentou encontrar a tal botija. Dizem que o fantasma de José Pereira aparece em sonho e indica a alguém de sua estima onde está o tesouro. Alguns tentaram encontrar pras bandas do mangue, mas nos buracos só acharam mesmo as tais aranhas ou os caranguejos que vivem por lá. Dizem que para ter o tesouro, o escolhido deve desenterrar o pote sozinho, à meia-noite. Caso leve alguém consigo, encontrará somente pó e viverá atormentado pela alma do falecido.



Nesse momento, Bento já não respirava, levantou de supetão e foi correndo se deitar na rede ao lado da cama de sua mãe.

– Que diabo é isso, menino? – perguntou dona Das Dores vendo o desespero do menino.

Bento, então, fechou os olhos e tentou dormir, mas da sua cabeça não saía o sonho que já tinha lhe visitado há algumas noites. Via um homem com uma grande pá na mão. Indicava-lhe o caminho da Timbaúba que via da janela da sala de aula. No sonho, o velho aparecia de pé na porta do quarto, ele então levantava e saía seguindo o desconhecido. Passavam pela praia. Sempre clara pela luz da lua, dava pra ver as pequenas ondas quebrando na areia. Depois seguiam margeando o rio. Os barcos estacionados aguardavam pelos pescadores, que, antes do amanhecer, partiriam para mais um dia de pesca. Chegavam, enfim, em frente à praça, o homem apontava para a Timbaúba e Bento despertava assustado. Então era isso, ele havia sido o escolhido para desenterrar a botija.

Os dias iam passando e a angústia de Bento só aumentava. Deveria ir até a praça à meia-noite e tentar encontrar o pote de ouro? E se não conseguisse mover o piso da praça? E se alguém visse e a botija desaparecesse? E se sua mãe descobrisse a história toda?

No meio de tantos "e se", Bento respirou fundo e passou as tardes seguintes na biblioteca da escola. Primeiro consultou a palavra botija no dicionário, o que não ajudou muito. A definição era vasilhame de barro ou de grés de formato cilíndrico ou bojudo, de gargalo fino e curto, contendo ou não asa.

O menino apelou pra professora. Cândida separou alguns livros pra Bento. O resultado da pesquisa causou ainda mais espanto. A história existia, com algumas modificações em vários outros lugares próximos e distantes do Aranaú.

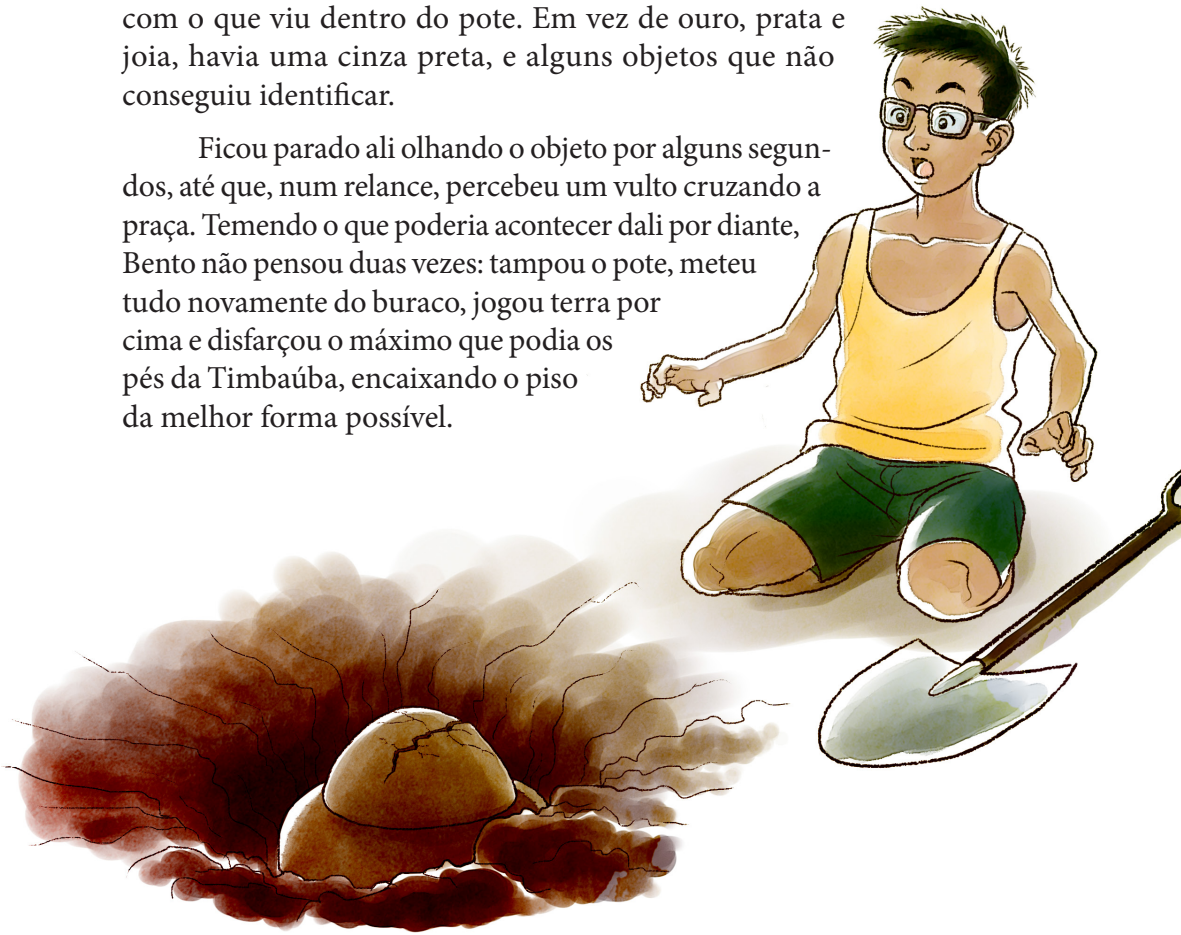
Pra descobrir a verdade, só havia uma maneira: esperou que todos na casa adormecessem, em seguida, vasculhou as coisas do avô, que, apesar de pescador de profissão, tinha algumas ferramentas para a lida na horta. Pegou a enxada e rumou na direção da praça. O dia era propício, uma segunda-feira. Ninguém fica na praça até meia-noite em plena segunda-feira.

Sem pensar, começou a remover o piso, que já estava meio solto

em volta da grande árvore. Tirou um tanto e começou a cavar. O suor já escorria pela testa quando a enxada bateu em algo duro. Tremendo de medo e tentando acabar logo, começou a usar as mãos. Em pouco tempo conseguiu ver a tampa de um pote; em seguida, precisou agora da ajuda de outro instrumento que, por sorte, tinha trazido consigo: uma pá de mão.

Foi afastando com cuidado a terra ao lado e finalmente conseguiu tirar a botija do buraco. O pote não era grande nem muito pequeno, mas precisou de força para tirá-lo da terra. A tampa era curiosa. Parecia ser uma vasilha que cobria o pote, não foi difícil removê-la. Um vento frio atingiu o rosto de Bento, que ficou extremamente espantado com o que viu dentro do pote. Em vez de ouro, prata e joia, havia uma cinza preta, e alguns objetos que não conseguiu identificar.

Ficou parado ali olhando o objeto por alguns segundos, até que, num relance, percebeu um vulto cruzando a praça. Temendo o que poderia acontecer dali por diante, Bento não pensou duas vezes: tampou o pote, meteu tudo novamente do buraco, jogou terra por cima e disfarçou o máximo que podia os pés da Timbaúba, encaixando o piso da melhor forma possível.



Anos depois descobri que o que tinha dentro do pote provavelmente eram restos de ossos humanos, era assim que alguns índios costumavam enterrar seus entes queridos. Do garoto Bento de anos atrás, carrego a curiosidade e a vontade de vasculhar o passado. Eu não sosseguei depois de enterrar novamente a botija. Fui atrás de respostas. Com a ajuda da professora Cândida, descobri que antes da chegada de José Pereira de Brandão, muitos índios passaram e alguns se fixaram por um tempo no local. Essas populações eram atraídas pela fartura do litoral, pescavam, cultivavam a terra, fabricavam ferramentas, faziam fogueiras, tinham seus ritos, mitos e lendas. Aprendi também que, como os índios não dominavam a escrita, a melhor forma de conhecer seus modos de vida era através dos objetos utilizados por eles e sua relação com a natureza, e que alguns desses objetos podem ser encontrados em bom estado de conservação, mesmo tendo passado tantos anos.

Atualmente não existem mais populações indígenas no Aranaú, eles foram expulsos e migraram para regiões como Almofala, em Itarema, ou para a Serra Grande. Contudo, a história da botija ainda estava na minha cabeça de menino, e a vontade de descobrir maiores detalhes sobre ela ia direcionando minhas escolhas.

Parti, então, para o Piauí para cursar Arqueologia. Como arqueólogo, aprendi que os objetos geralmente não são encontrados isoladamente, quase sempre existem outros no mesmo local. Chamam isso de sítio arqueológico. Fiquei fascinado com a ideia de que a praça central pudesse ser um desses sítios, e que eu poderia voltar ao local onde nasci para descobrir mais sobre a presença dos índios naquela região, história que pouco ouvira falar em tempos de escola.

Passei alguns anos fora do país, as pesquisas e trabalhos consumiram meu tempo. Para o arqueólogo, um sítio é como se fosse um livro que está sempre sendo escrito. A cada sítio que eu escavava, ia, objeto a objeto, lendo as páginas da história de um grupo social que não havia deixado documentos escritos.

Finalmente chegou a oportunidade de voltar, consegui autorização para a pesquisa. Mesmo sendo um arqueólogo, toda a escavação necessita de uma autorização do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), pois qualquer material arqueológico, descoberto ou não, é patrimônio cultural do país. Vô Juvenal, que havia falecido há

alguns anos, ficaria feliz de onde ele estivesse sabendo que seu neto estava investigando o passado daquele local.

Juntei uma equipe e, sob os olhares curiosos dos passantes, começamos os trabalhos. A praça havia passado por inúmeras reformas depois que deixei Aranaú. O primeiro choque foi a ausência da Timbaúba. Em seu lugar, foram colocados alguns brinquedos para a diversão das crianças. Não desanimei, já que estava ali, precisava tirar isso a limpo. Reviramos por dias a praça, porém pouca coisa (além de alguns cacos de pote) foi encontrada.

A localidade havia se transformado, muitos foram embora, outros tantos vieram. Acaraú tinha crescido, novas atividades além da pesca e agricultura se estabeleceram na região. As áreas de mangues tinham diminuído, dando lugar aos viveiros de camarão e à chegada das usinas eólicas, ambos trazendo transformações ao lugar. A localidade do Aranaú sentia essas mudanças.

Passei bons dias na companhia de minha mãe, revi os amigos, comi tapioca, caju e peixe com farinha. Relembrei os velhos tempos com um bom banho de rio e de mar, acompanhei os pescadores em um dia de trabalho, segui com o olhar o trabalho das rendeiras, que, ao cair da tarde, sentam-se em frente de casa e passam horas movendo os bilros. Mas, de alguma forma, aquela tristeza que me acompanhava no início da história voltara.

Com a ajuda daqueles cacos, chegamos a algumas possibilidades sobre os grupos que ali habitavam, mas os vestígios eram muito vagos. Imediatamente me dei conta de que as lendas das botijas, aos olhos de um menino de 12 anos, é uma aventura e tanto. No entanto, muitos sítios arqueológicos foram destruídos pela ambição de pessoas que acreditavam que elas estariam cheias de ouro. Quanto ao sonho? Ele me deixou logo depois que iniciei minhas pesquisas.

Deixei novamente o Aranaú, mas com um objetivo em mente: de agora em diante, empreenderia o restante do meu tempo compartilhando os conhecimentos que tinha aprendido por onde quer que fosse. Do garoto Bento de anos atrás, ainda carrego a curiosidade e a vontade de vasculhar o passado.

O CAUSO DE CHICO CIÇO

Não se tem notícia de quem viveu, vive ou ainda viverá em Curral Velho e que nunca tenha ouvido falar de Chico Ciço.

Nasceu de oito meses, numa noite em que a chuva caía fazendo medo. Foi de nascimento legítimo, sem os requintes da medicina moderna. Cesárea? Anestesia? Teve não. Teve foi dona Maria, parteira famosa em Curral Velho. Vitorina se doía tanto que parecia que tinha tomado era uma facada. Mas mãe é forte. Mãe aguenta. E no dia quinze de agosto de mil novecentos e setenta e três, nasceu Francisco Cícero Toledo Silva. Ou simplesmente Chico Ciço. Nasceu no susto, meio que espirrado.

– Criança que nasce de oito meses, se vingar, coisa boa não vai ser – alertou dona Maria. – Ainda mais sendo o sétimo filho e nascido em agosto.

Vitorina tremeu-se. Sabia que quando dona Maria falava, tava falado. A mulher impunha respeito. Não pelo tamanho (parecia que tinha encolhido com a idade), mas pela compostura. Levava um pano na cabeça. Segundo ela, pra não entrarem os "maus pensamentos". O rosto com feições indígenas estava sempre fechado, sisudo, como que querendo

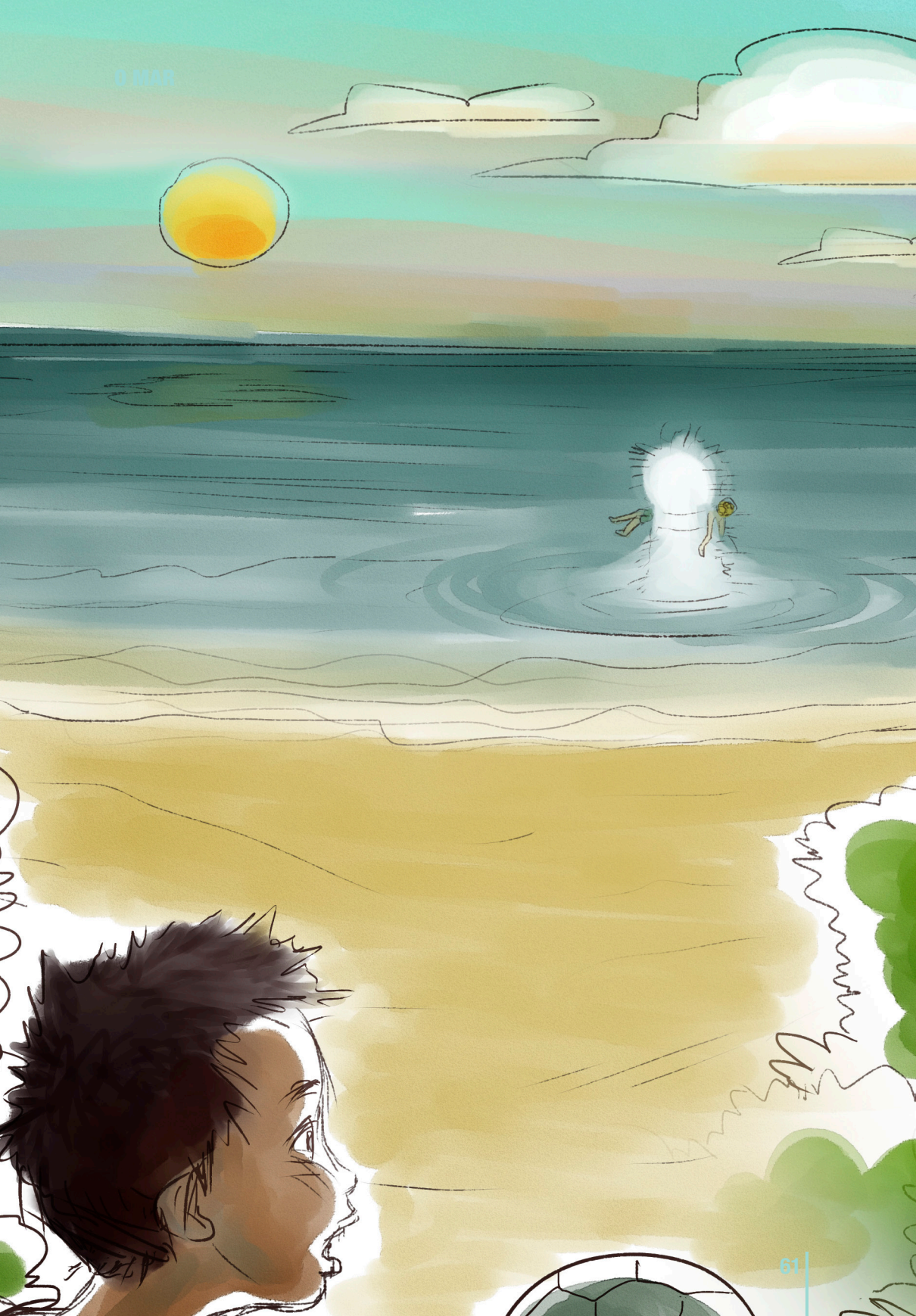
brigar o tempo todo. Tinha oitenta e cinco anos e mais de cem partos feitos. Quando dona Maria falava, tava falado. E só havia falado daquele jeito quando nasceu Tibério:

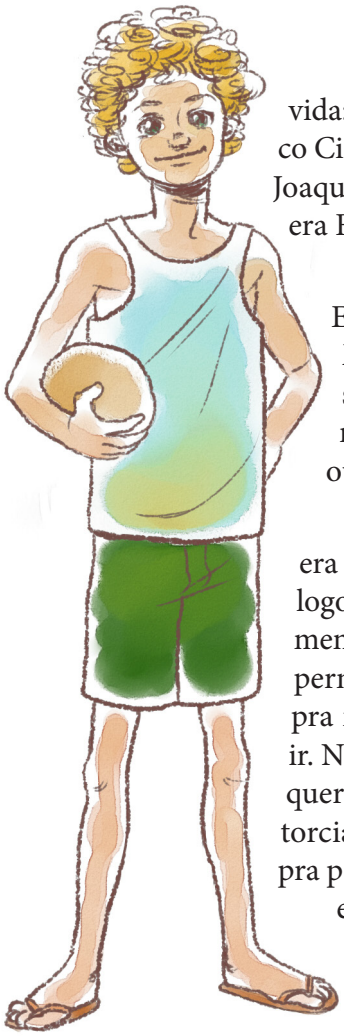
– Menino que nasce com coruja piando em cima da casa não é bom sinal.

Menino bom. Menino de ouro. Sumiu aos sete anos de idade porque o mar levou. O pai, seu Zé Antônio, já havia tido três filhas com dona Mazé: Suzana, Silmara e Sirlene. Queria porque queria um filho homem. Prometeu pro mar que, se ele viesse, doaria para ele vinte e cinco por cento de tudo que conseguisse na vida. Era dono de uma pequena mercearia. E dois anos depois da promessa, nasceu o filho, que foi chamado de João Pedro. Seu Zé não se continha de tanta alegria. No dia de seu nascimento, deu uma festa pra toda a comunidade. O menino era a alegria da família, e crescia rápido.

Mensalmente seu Zé tirava a porcentagem e pagava "o mar". Quando João Pedro completou três anos, dona Mazé ficou grávida. Seu Zé já não se importava se era menina ou menino. Já tinha parado de pagar ao mar o que havia prometido, e já tinha João Pedro. Então nasceu Tibério, e seu Zé se encheu de alegria mais uma vez. As irmãs já se acostumavam com o fato de não terem o carinho do pai. A mãe compensava, na medida do possível. Mãe é forte. Mãe aguenta. E Tibério também cresceu e se tornou o menino mais querido de Curral Velho. Sempre disposto a ajudar as pessoas, sempre sorrindo. Menino de ouro. Tinha no irmão João seu porto seguro, estavam sempre juntos. Certa vez, jogavam bola na praia e Tibério chutou longe. João foi buscar. Quando voltava, viu um vulto branco no mar e Tibério de costas, sumindo. O pai e a comunidade de pescadores procuraram a fio durante meses. Tibério nunca foi encontrado. Dizem que o mar veio buscar vinte e cinco por cento dos filhos do seu Zé. Não se sabe.

Chico Ciço no começo era bem mirradinho. Cabelo claro, enrolado, daqueles que adoram brincar com Arapuá. O corpo, esguio, revelava logo a falta de estrutura física do menino por baixo da pele judiada pelo sol. Tinha de fato uma fisionomia estranha. Dizia-se que tinha nascido com os cotovelos no lugar dos joelhos. De mais bonito tinha os olhos, que pareciam duas jabuticabas. Estavam sempre brilhantes, com aquele tom escuro azulado, como que mostrando o mundo de dentro de Chico pra fora.





A falecida dona Vitorina teve duas funções nessa vida: uma foi ser marisqueira. A outra, ser mãe de Chico Ciço. E além de Chico, de mais seis: Jorgina, Elaine, Joaquim, Clodoaldo, Evanildo e Raimundo. O sétimo era Francisco. O mais novo.

O pai de Chico era Cícero, exímio pescador. Era ele quem levava o sustento pra dentro de casa. Morreu quando Francisco tinha um ano, tentando salvar um colega de um afogamento. Dona Vitorina passou a se virar com os mariscos. Não tinha outro jeito.

Chico cresceu sendo o mais novo e sabendo que era o mais fraco. Talvez por isso tenha ganhado o mar logo aos cinco anos. Os pescadores ficaram com dó do menino, chorando pra querer entrar no barco. E com a permissão de dona Vitorina e dos irmãos, levaram-no pra mostrar como era. Chico nunca mais deixou de ir. Não porque queria pescar como o pai, mas porque queria carregar o peso da pescaria quando voltasse. E torcia pra pescarem muito. Queria construir currais pra pegar peixe, pôr a mão na massa. Aquele ia ser seu exercício. Ia criar corpo e ser forte.

Aos quinze anos, Chico havia se transformado. Os cotovelos estavam nos braços e os joelhos onde deveriam estar, nas pernas. O ombro largo e a altura mostravam a imponência física do rapaz. Chico não tinha medo de nada. Era o menino mais forte de Curral Velho (segundo dona Vitorina). Havia realizado um sonho: passou a ser respeitado e admirado. Embora isso tenha sido bom pra ele, não foi o que fez sua fama rodar Curral Velho e as comunidades vizinhas. Chico enxergava coisas que os outros não enxergam. Esse era o fato.

Descobriu isso quando em uma noite voltava de uma tertúlia em Acaraú, aonde fora com os amigos, como ocorria com certa frequência. Com Chico estavam Antônio, Edvaldo e Roberto Carlos. Os quatro eram inseparáveis, desde pequenos. Antônio era o mais tímido. Timidez que beirava o medo. Ficava sem jeito nas tertúlias porque só de chegar uma

menina perto, já começava a se tremer todo. Edvaldo era o humorista. Tudo o que acontecia (tendo graça ou não) virava piada pra ele. Roberto Carlos, o galã. Vestia sempre uma calça preta de linho e uma camisa verde, que ganhara de um padrinho da capital quando ainda era adolescente. Como não engordava, cabiam nele perfeitamente. O cabelo sempre penteado. As meninas achavam o máximo.

– Chegou o moço mais chique de Curral Velho – elas diziam.



Chico, como não podia deixar de ser (até pelas circunstâncias da vida), era o mais corajoso.

Estavam já próximos da comunidade quando Chico ouviu um assobio. Não era um assobio qualquer. Sentiu que se tratava de algo diferente.

– Ouviram isso? – perguntou Chico aos outros, já intrigado.

– Isso o quê? – retrucou Roberto Carlos. Ninguém havia ouvido.

– Um assobio. Um assobio bem alto.

– De certo é alguma menina procurando o Roberto Carlos – brincou Edvaldo.

A essa altura, Antônio já andava a passos largos. Só parou quando Chico assobiou de volta. Não sabia do que se tratava, mas se lembrou de que quando criança tinha ouvido uma história sobre um tal assobiador que chicoteava as pessoas. Diziam que quando se ouvia um assobio, era melhor ignorar. Se o assobiador tivesse resposta, na certa viria atrás de quem respondeu. Quanto mais baixo o assobio, mais perto o assobiador devia estar.

– Para com isso, Chico, não se deve brincar com essas coisas – esbravejou Antônio.

– Valha! Mas se tu nem ouviu o assobio, tá dizendo pra eu não brincar com o quê?

Assim que disse isso, Chico sentiu um assobio

bem próximo, a uns três metros dele.

– Vamos embora, agora! – gritou Chico já saindo em disparada.

Os outros correram sem saber por quê. Mas se Chico corria, devia ser sério.

As casas de todos ficavam bem próximas, na mesma ruela. Um por um foram se despedindo e entrando. Todos dormiram bem, menos Chico. Pra ele tinha sido diferente. Com ele, foi diferente. Dos quatro, só ele escutara o assobio.

Não se deu por satisfeito com aquela história. Passados três meses do ocorrido, Chico estava diferente, a ponto de preocupar dona Vitorina. Mais magro, com um semblante cansado e olheiras profundas. Não parava de pensar no assobio. E passou a se questionar se aquilo não poderia ser um dom. Se o fato de só ele ter ouvido não seria algo extraordinário. Ele tinha que ter certeza. Resolveu voltar sozinho ao lugar onde tudo havia acontecido. Ficou parado do finzinho da tarde (quando o sol se pôs) até a uma hora. Nesse meio tempo, resolveu assobiar, pra ver se tinha resposta. Nada.

Podia ter sido só um devaneio, uma loucura de sua cabeça. Mas Chico não tinha ideia do que veria. Já estava desistindo, quase pra ir embora, quando percebeu uma luz, mais ou menos a um quilômetro de distância. A luz vinha se aproximando, em uma velocidade média. Chico cogitou a ideia de ser o tal que havia lhe pregado aquela peça. Ia pegá-lo no flagra e ensiná-lo a nunca mais assustar as pessoas. Mas conforme a luz vinha se aproximando, notou que conhecia aquela fisionomia. Era Roberto Carlos em sua motocicleta. Mais velho, ele era o único dos quatro amigos que tinha outro meio de transporte além das próprias pernas. Talvez por isso fossem mais finas e elegantes, por falta de esforço.

Roberto já estava quase ao lado de Chico quando ele resolveu cumprimentar:

– Ei Roberto, estou aq...

Antes de terminar a frase, engoliu seco e parou. Junto veio um soluço que lhe travou a alma.

– Roberto, desvia, desvia! – gritava desesperado.

Roberto olhou pra trás e avistou Chico. Respondeu:

– Desvia de quê, Chico? Tá fazendo o que aí?

O que fazia antes, não importa. Nesse momento, rezava. Estava vendo um caixão, enorme, em pé, bem no meio do caminho do amigo. E o pior é que Roberto parecia não se dar conta disso. Conforme a motocicleta ia se aproximando, Chico ia se desesperando. Correu em direção ao amigo para socorrê-lo da queda iminente, quando a moto passou por dentro do caixão, como se cortasse o vento. Chico não acreditava no que seus olhos tinham acabado de ver. Correu por fora da estrada para não cruzar com o objeto e foi ao encontro do amigo, que havia parado a moto.

– Você tá louco, Chico? Que diabo é isso de desviar? Desviar do quê? – indagou Roberto Carlos, com raiva.

– E você não viu o caixão não? O caixão?

– Que caixão, Chico? Onde você tá vendo caixão ali? – perguntou apontando para o local.

Os dois se aproximaram e nada. Nem sinal do caixão.

– Tô te achando muito estranho desde aquele dia do assobio. Dá a impressão que tu tá ficando maluco!

Dessa vez, Chico cogitou essa possibilidade. O "dom" havia ficado em segundo plano. Não conseguia entender por que Roberto não tinha visto o caixão. Acreditou de fato que alguma coisa estava acontecendo com ele. Pediu uma carona ao amigo. No caminho, Roberto quis falar sobre o ocorrido, mas Chico calou-se. E permaneceu assim até chegar em casa.

Na manhã seguinte, tomava café quando chegou Antônio.

– O Roberto Carlos me contou.

– Contou o quê?

– Do caixão que tu viu.

– Não vi caixão algum.

– Tudo bem, Chico. Se não quer falar, não fale. Na verdade, eu só vim aqui porque queria que tu soubesse que não tá ficando louco. Você tá virando bicho! Teu físico tá mostrando isso. Você tá diferente Chico, diferente!

– Que conversa é essa, Antônio? Virando bicho onde, homi?

– Quando eu era criança, ouvia umas histórias. Ouvi uma vez sobre um tal Elenildo que morava aqui no Curral Velho e que virava bicho. Parece que antes de virar bicho de vez, ele começou a ouvir uns barulhos e a ver coisas, igualzinho tá acontecendo com você.

– Besteira, Antônio! E quer saber, não quero mais falar disso não. Cansei – disse já em tom áspero, sem paciência.

– Acontece que o bicho é quem escolhe a gente, não a gente que escolhe o bicho. E ele só sossega quando toma você. Só assim tu vai ter paz, Chico. Se não quer escutar, não escuta, mas vou te dar um conselho: corajoso como é, aproveite que é noite de lua cheia e vá até o Cidroca. Quando chegar lá, espera até dar meia-noite. Daí tu rola na grama de um lado pro outro. Se tu não for bicho, tudo bem. Mas se for, o bicho toma conta!

Ao dizer isso, Antônio virou as costas e saiu sem se despedir. Deixou Chico perturbado. Passou o dia pensando naquilo que o amigo havia lhe dito. Não havia o menor sentido ir até o cemitério da Imburana à meia-noite e rolar no chão. Mas e se fosse verdade? E se fosse o destino dele? Pelo sim e pelo não, achou melhor descobrir por si só.

Às onze e meia Chico Ciço disse à dona Vitorina que iria a uma tertúlia com os amigos. A mãe o abençoou como sempre e ele saiu. Caminhou sozinho, com a cabeça cheia de dúvidas. Ao passar pelo mangue, a tensão aumentava, estava realmente ansioso. Já se afeiçoava com a ideia de virar bicho. Parou. Havia chegado. Faltavam dois minutos para a meia-noite quando tirou sua camisa e começou a se abaixar. Antes conferiu se não existia ninguém por perto, pra não ser acusado de louco de vez.

Primeiro se deitou na grama. Depois rolou pra direita, pra esquerda, duas vezes, três vezes e nada. Lá pela sexta vez, notou que sentia uma dor na pele, igual queimadura. Tentou se virar e sentiu os ossos trincarem, como se estivessem se quebrando. Olhou pras mãos e começava a crescer pelo, muito pelo. Desesperou-se. Levantou, olhou pra lua e gritou um grito que foi ouvido por todo o Curral Velho. Depois disso, apoiou os cotovelos no chão e começou a correr em disparada, rumo ao desconhecido. Edvaldo acompanhava tudo de longe, quase sem respirar. Dessa vez não fez piada. Foi o último a ver o amigo.

Chico Ciço sumiu da mesma forma que havia nascido: no susto, meio que espirrado.

Dois dias depois, Antônio soube do ocorrido através de Edvaldo. Resolveu ir até o cemitério levar flores ao seu falecido avô Elenildo, o lobisomem. Fez uma oração e se despediu:

– É, vovô... no fim das contas o senhor não virou bicho sozinho. Pode deixar que eu vou contar essa história bem direitinho pra quem quiser ouvir!

Quando dona Maria parteira falava, tava falado.



UNIDADE 3 – SERTÃO MAR

CURRAIS DO GADO, CURRAIS DO MAR

Inácia, desde pequena, admirava o trabalho do pai: vaqueiro. Sim, vaqueiro! Saía todos os dias para uma dura lida com o gado, cortando os sertões, atravessando a caatinga com seu aboio forte, cuja sonoridade se espalhava por todos os cantos da fazenda em que viviam como meeiros. No fim do dia, sentavam-se à sombra dos paus brancos, árvores resistentes à seca que, de tão abundantes, deram nome ao lugar. No entanto, isso já faz tempo... Hoje, o pequeno povoado se chama Santa Fé por causa da devoção e da fé da gente que mora lá.

Mas, voltando à Inácia, ela fazia o que todas as meninas faziam: trançava a palha da carnaúba e fazia cestos, chapéus, urus e uma infinidade de coisas bonitas que eram levadas, junto com a carne seca, feijão, frutas e verduras, pelos comboieiros para o litoral. Em troca, recebiam peixe seco, tecidos e outras coisas refinadas que vinham de fora pelo porto do Acaraú. Sempre nos meses de verão os homens de sua comunidade, inclusive seu pai, trabalhavam por empreitada na extração da palha de carnaúba. Era um trabalho árduo, que exigia que o povo ficasse fora de casa por alguns dias. Nada da carnaúba se estragava, pois, primeiro se retirava o pó, que era transformado em cera e vendido a compradores



de Sobral. Já a palha servia pra muitas coisas: revestia as casas e, pelas mãos das mulheres, viravam artesanato. Tudo que sobrava virava bagana pra adubar o solo.

Inácia, com suas mãos hábeis, também sabia coser e bordar. Era ela quem preparava a roupa de trabalho do seu pai: chapéu de couro, perneiras, gibão, tudo cuidadosamente costurado e ornado com bordados como os cangaceiros do bando de Lampião. Enquanto bordava, Inácia sonhava que era vaqueira, que ganhava os sertões e era a mais valente de todas! Imaginava-se montando um cavalo preto, bem veloz, e capturando um gado brabo que se embrenhara na caatinga, de onde ninguém mais iria conseguir tirá-lo, só ela, a valente vaqueira Inácia! Pensava também que se no grupo de Lampião e de Corisco havia mulheres, por que ela não haveria de ser vaqueira?

Quando estavam trançando carnaúba nas varandas das casas, as mulheres e moças conversavam sobre suas vidas, o trabalho, o cuidado com os filhos, os tecidinhos bonitos que viram no Acaraú, os namoros... porém, o assunto preferido eram as festas de Nossa Senhora de Nazaré em setembro. Antes dos festejos, havia muita ansiedade e trabalho nos preparativos. E depois que ela findava, rendia assunto pro resto do ano! Era falar do sermão do padre, das paqueras, da animação das quermesses, do leilão, das fofocas... Era assunto que não tinha fim!



As mocinhas da mesma idade de Inácia gostavam de falar em casamento, de imaginar o noivo apaixonado e o vestidinho branco enfeitadinho de renda da praia. Só Inácia sonhava diferente. E um dia ela finalmente confessou que queria mesmo era virar vaqueira! Foi uma confusão! As mulheres riam compulsivamente, afinal, onde já se viu uma menina vaqueira? Ah, essa Inácia... tem cada uma!

De tanto ser motivo de mangação para os moleques do povoado, Inácia passou a acreditar que seu sonho era mesmo bobagem e se contentou em ser uma grande artesã, seus bordados em couro ficavam cada dia mais bonitos! Vinha vaqueiro de longe encomendar suas indumentárias à Inácia, que com o dinheiro ajudava em casa.

Mal sabia ela que na festa da padroeira do ano que estava entrando sua vida ia começar a mudar... Como todos os anos, começaram cedo a preparar a festa, andando nas comunidades para pedir as prendas do leilão, pensando a animação das noites de quermesse, enfim, tudo que se fazia todo ano. Ah, como gostava daquela festa! Gostava principalmente de ver a apresentação do Reisado do Mestre José Aninha, as roupas coloridas, a alegria, os cantos, as brincadeiras do Mateus e a intransigência da Catirina. Amava ver o boi dançando, quando girava o corpo e o rabo de fitas voava e ela podia se imaginar pegando o boi... sendo, finalmente, vaqueira!

Sua tia Mariinha, que morava em Espraiado, lá pras bandas da praia, viria pra festa esse ano. Ela costumava vir sempre, mas tinha uns cinco anos que não vinha e, por isso, na sua casa, todo mundo estava ansioso.

Quando era criança, tia Mariinha trazia conchas do mar para presentear os sobrinhos. Era um verdadeiro tesouro! A tia a ensinava a colocar a concha no ouvido pra escutar o som do mar, ainda que Inácia não



conhecesse o mar. Mesmo assim, fechava os olhos, colocava a concha no ouvido e lembrava das histórias que sua tia contava e imaginava.

De manhã cedinho, Mariinha chegou. Vinha com outras mulheres da praia que iam apresentar o drama na festa daquele ano. Depois de abraçar e beijar todo mundo, de fazer um longo falatório destacando como os meninos cresceram e de contar as suas novidades, Mariinha deu a Inácia um presente, mas, desta vez, não eram conchas, era um lindo vestido de renda de bilro que ela mesma fez. Inácia ficou muito contente, nunca tinha visto nada tão lindo! Aquelas linhas tão bem trançadas, as cores alegres, a delicadeza... como ficaria bela!

À noite, Mariinha, que era grande contadora de histórias, encenou, com suas amigas, o drama; eram tantas jornadas lindas! O povo ficava comovido, ora rindo, ora chorando, ora com medo dos causos de assombro... No meio da brincadeira, as dramistas falaram de algo que fez o coração de Inácia acelerar: era uma jornada que falava de currais de pesca e dos vaqueiros do mar. Mas, como assim? Como pode ter gado no mar? Se o mar era feito de água, então não haveria de ter gado lá! "Deve ser por isso que o povo fala que pescador gosta de inventar história", pensava Inácia. Em sua cabeça se passavam mil coisas e não podia ver a hora da quermesse acabar pra perguntar à tia o que eram esses tais currais.

A festa findou e todos foram pra casa. Mariinha e Inácia se sentaram no alpendre e foi um conversero sem fim. "E se cria gado no mar?", perguntou Inácia, muito curiosa. Mariinha riu longamente, e depois, percebendo que estava zangando a menina, explicou que na praia tem curral de peixe, que era uma coisa que se fazia há muito tempo, por isso tinha até uma comunidade perto do Espraiado que se chamava Curral Velho. Os índios Tremembé, que viviam espalhados pelas praias, sabiam fazer currais pra prender os peixes nas marés. Foram eles que ensinaram aos portugueses e aos negros que foram trazidos de vários cantos da África.

Mariinha disse também que, do mesmo jeito que tem gente que diz que é dono da terra, tem gente que diz que é dono do mar, e isso dá muita confusão. Houve um tempo que uma só pessoa era dona dos currais e contratava os vaqueiros pra trabalharem pra eles, mas que hoje as pessoas da comunidade têm seus currais e podem pescar juntos. Também explicou que era preciso ter cuidado ao soltar os peixes pequenos, que tinha que marcar o lugar pras embarcações não se chocarem com as estacas

e os pescadores se acidentarem. Inácia ouvia tudo com muita atenção e criava coragem pra perguntar à Mariinha se mulher também podia ser vaqueira do mar, todavia tinha muito medo que ela fizesse como as outras pessoas da sua comunidade e risse dela. Mariinha falou, falou e falou... explicou como funcionam as marés, como se faz o curral, depois como se salga o peixe, do jeitinho que se faz com a carne. Falou de tantas coisas que Inácia nem se atentou, tão envolvida que estava imaginando como era ser vaqueira do mar!

Finalmente tomou coragem e perguntou se poderia ser vaqueira. Dessa vez não houve riso nem chacota, pelo contrário, tia Mariinha disse que, do mesmo jeito que acontecia no sertão, as mulheres sempre tiveram que trabalhar e, mesmo assim, eram proibidas de fazer várias coisas, embora elas já tivessem brigado muito e conseguido defender o seu trabalho. Tinham várias mulheres que iam pros currais e pescavam de anzol, além de catar marisco. Completou dizendo que lá pras bandas de Redonda, em Icapuí, tem até mulher que vai pro mar grande em embarcação. Já pensou?

Inácia tomou rapidamente uma decisão: moraria com a tia no Espraiado! Foi um susto pra seus pais, que relutaram muito, mas, enfim, permitiram. Inácia se despediu com o coração partido, pois, mesmo sem jamais ter ficado longe da sua família ou dos seus vizinhos e amigos, estava decidida a seguir a sua sina. E assim foi! Partiu de Santa Fé no rumo da praia.

De longe avistava aquele mundão de água. Era tão grande que mal podia acreditar. Uma paisagem bem diferente da que sempre conheceu. Como eram estranhas aquelas árvores com suas raízes contorcidas e espinhentas, o cheiro do mangue, o som das ondas distantes. Mal se acomodou em sua nova casa, correu para ver os currais. Brincava como uma criança – ao mesmo tempo assustada e atraída pelas ondas. O curral do mar era bem diferente dos currais de gado no sertão; ela estava admirada, como quem se depara com um mundo completamente novo e belo!

Logo começou a mariscar com as mulheres. Era um trabalho muito cansativo, porém prazeroso. Ela ficava atenta a todas as conversas das marisqueiras, que muito conheciam aquele espaço e lhes falavam coisas sobre os tipos de búzios, os tipos de peixe, o perigo das arraias, de bagres e baiacus, história dos encantados que protegiam o mangue açoitando

quem o destruísse. Falavam também de como vinham se organizando pra conseguir melhorar suas condições de vida e foi assim que elas montaram uma associação de marisqueiras e fizeram várias outras coisas.

Depois de algum tempo, Inácia decidiu que era hora de virar vaqueira. Ela observou, no entanto, que aquele lugar já tinha seus vaqueiros e, por isso, foi um pouco difícil convencer as pessoas de que ela também poderia cuidar dos currais. O marido de Mariinha era vaqueiro de um dos currais e decidiu levar Inácia, mesmo estando descrente que aquela menina mirradinha do sertão iria dar conta do serviço.

Acordaram cedo. Naquele dia, Inácia vestiu sua roupa de vaqueira, bem diferente das que sempre coseu e bordou. Era uma roupa leve, feita pra se proteger do sol. Uma sandália presa aos pés, um chapéu de palha de carnaúba e um uru onde guardariam os peixes. O coração palpitava. Sentia falta dos aboios dos vaqueiros, mas havia aprendido com as marisqueiras algumas canções que falavam do mar.

Prepararam comida e água e ficaram observando a maré. Os pescadores experientes sabiam calcular direitinho o horário que o mar ia subir e recuar! Quando a maré baixou, as estacas do curral começaram a aparecer: era hora de iniciar o trabalho. Antes de saírem, Mariinha a advertiu para tomar cuidado, afinal, no mar não tem boi brabo, mas tem arraia e baiacu. Além disso, o mar não tem cabelo, como dizia sua vó, lembrando o perigo de afogamento, que era sempre presente na vida dos povos do mar.

Inácia entrou na canoa e remou, meio desajeitada. Seus olhos brilhavam e sentia uma felicidade sem fim! Apesar de ter chegado há pouco tempo no Espraiado, sabia que a vida no mar não era fácil. No entanto, como diziam os pescadores: "o mar tem seus encantos!".

Os currais do mar são bem diferentes dos que ela conhecia, o que não a impediu de gostar muito da sensação de ser vaqueira do mar. De ter paciência e esperar o tempo da maré, de pegar os peixes crescidos, de conhecer cada tipo de peixe como seu pai conhecia cada gado. Gostava também da sensação de voltar e ver as mulheres e crianças esperando na praia. Enfim, sentia que a beleza daquele lugar havia invadido sua alma e, por isso, foi ficando no Espraiado.

Todo ano, porém, durante a festa de Nossa Senhora de Nazaré, ela vai com as outras dramistas se apresentar no evento e matar a saudade do seu povo. Esse ano, Inácia fez até uma jornada que falava do sertão--mar. Como ela ainda estava aprendendo, ficou muito simples, mais ou menos assim:

"Escuta, escuta, ó meu povo,
A história que vou contar,
Pois saí do meu sertão
Pra virar vaqueira do mar.

Tem tantas coisas na praia
que me faz admirar...
Os peixes entram no curral
Sem ninguém os aboiar!

Porém, não achem que é fácil
Nossa lida lá no mar,
Pois se não tem gado brabo,
Tem arraia a ferroar!

O mar é grande e bonito,
Mas como sertão não há!
A sua mata dourando
Na hora do sol pousar.

O mar não vive sem sertão
Nem também sertão sem mar.
Feliz povo do Acaraú,
Que tem sertão e tem mar!"



IRMÃOS DE PARTEIRA

O destino guardara algo em comum para Chica e João: nasceram pelas mãos da mesma parteira e, portanto, tornaram-se irmãos de parto.

A família de João vivia há muitas gerações num lugar chamado Tucunzeiro, no sertão do Acaraú. Um lugar que, mesmo estando próximo da sede do município, era muito isolado, pois nessa época não havia estradas, apenas pequenas veredas abertas pelos vaqueiros, e que no inverno se tornavam ainda mais dificultosas, pois a vegetação crescia rápido. Quando se tinha de ir à cidade, era uma luta! Só quem era rico possuía cavalo e podia fazer todo o percurso em uma hora, mais ou menos. Os pobres, no entanto, tinham de caminhar longamente.

Naquela época não tinha muita gente vivendo no Tucunzeiro, eram poucas famílias, todas trabalhavam na roça, principalmente plantando mandioca, feijão, jerimum e milho. Como não eram donos das terras, eles viviam como arrendatários, dando uma parte de tudo que produziam ao patrão, dono da terra, mesmo quando a colheita não era boa. Dona Iracema, mãe de João – que nessa época nem era nascido, lembra-se de que a terra era boa! Se tinha chuva, tinha fartura! Vez por outra, entretanto, a chuva escasseava e aí era um rastro de pobreza e miséria. Produzia-se

pouco e, mesmo assim, tinha que pagar a renda, mas como se pode pagar quando não se tem?

A família de João, como a de muitos sertanejos, passou por várias secas e sabia bem como enfrentá-las, contudo, no ano de 1958, viveu a maior estiagem que um ser vivente podia testemunhar! As plantações morreram e já não havia sementes para plantar quando a chuva voltasse. A cobrança do patrão se fazia impiedosa. Já não se tinha água nem para beber.

Seu José, cujo nome foi escolhido em homenagem ao santo que faz a chuva cair do céu, ainda guardava na memória a Seca de 1932; cresceu ouvindo a história dos seus parentes que viviam lá pras bandas do Ipu e precisaram procurar os socorros do governo nos campos de refugiados da seca, que o povo chamava de curral de gente, porque todos ali eram tratados como bichos mesmo! Quando olhava para a paisagem e via a mata seca e o céu sem nuvens, sentia o corpo trêmulo ao pensar que sua família poderia passar por esses sofrimentos. Por isso resistiu e relutou por meses para não sair do Tucunzeiro.

Já era fim de tarde quando olhava para o horizonte com um olhar desvalido de quem perdeu as esperanças, seus pensamentos estavam tão distantes que mal ouvia o choro de fome de seus três filhos. Iracema estava grávida novamente – de João – e pelejava para ter forças de cuidar da casa e dos meninos.

José percebeu que não teria alternativa. Havia dias que seus vizinhos partiam em busca de ajuda na sede do Acaraú. Falavam que viria farinha do Maranhão para ser distribuída aos retirantes e que o governo iria organizar as frentes de trabalho na construção da rodagem que ia ligar o Acaraú a Itarema, assim, os pobres teriam como sobreviver, mas já fazia meses que se dizia isso e nada acontecia e José tinha medo de morrer fora de sua terra.

Também tinha gente indo pra longe, pra trabalhar na construção da cidade de Brasília, que ia ser a nova capital do Brasil. Tinha uma família bem poderosa na região do Acaraú que organizava essas viagens e o povo seguia de caminhão; era tanto chão que passavam 12 dias na estrada. José, entretanto, não queria ir pra longe de sua terra. Ninguém sabia se esse povo que ia pra longe regressaria um dia, nem como vive-

riam por lá. Além disso, como Iracema ia ter esse menino na estrada? Não era uma boa ideia.

Por fim, resolveu partir para a cidade do Acaraú. Juntaram o pouco que tinham, organizaram suas trouxas e seguiram viagem pelas veredas cercadas pelo mato seco. Olhavam tristemente pra trás, pra casinha que sumia no meio da poeira que seus passos levantavam. Iracema e as crianças fizeram penosamente o percurso.

Ao chegarem ao Acaraú, o receio de José transformava-se em realidade. O governo ainda não havia organizado as frentes de serviço e o povo estava rondando sem rumo pela cidade, pedindo esmola. Decidiram, então, andar um pouco mais no rumo das praias, pois lá sabiam haver maior abundância de água e era possível colher murici e outros frutos no mato. O mangue também podia oferecer comida, eles só teriam que aprender a lida do mar. Não tinham o



que recear, pois já haviam encarado aventuras maiores. Chegaram num fim de tarde, com os pés cheios de bolhas causadas pela areia quente, muita fome e, sobretudo, medo do futuro incerto.

Sentada no chão do terreiro de sua casa, dona Conceição Tremembé – cabocla forte, de cabelos grisalhos – fazia renda em sua almofada; com muita destreza, coordenava os movimentos e transformava as linhas coloridas em bicos, enquanto mascava fumo. Conceição levantou a vista, sem interromper o movimento das mãos, e viu aquela família que se arrastava vagarosamente. Sentiu uma comoção enorme, porque ouvira falar dos suplícios da seca, mas principalmente por ver aquela mulher grávida. A imagem daquela família lhe fazia recordar as histórias que ouvira sobre seu povo – os Tremembé –, que antes da chegada dos brancos viviam livremente pelas praias e que lutaram muito contra os portugueses para não perder suas terras e seu jeito de viver, por isso, foram perseguidos e tiveram que vagar sem rumo por muitos anos. Ainda hoje eles vivem pelejando para ter direito ao seu pedaço de chão. Conceição sempre se doía quando via pessoas vagando sem esperança.



Levantou rápido e colocou sua almofada no parapeito da varanda, acenando para que Iracema e sua família viessem ao seu encontro. Iracema sentia o coração palpitar, olhava firmemente nos olhos daquela mulher e via uma bondade que lhe fazia novamente ter esperança.

Conceição Tremembé vivia só com sua netinha Chica, que, de tão pequena, mal sabia andar. Na sua casa tinha o quarto dos filhos que foram pra cidade grande procurar trabalho e

foi neles que a família de João se abrigou. Aliás, como disse no começo da história, foi Conceição Tremembé que fez o parto de Iracema poucas semanas depois de sua chegada. Tinha várias gerações que as mulheres de sua família ajudavam outras mulheres a darem à luz, além disso, Conceição fazia as meizinhas e benzia menino com quebranto.

Os anos passaram e levaram consigo a mazela da seca e seu rastro de fome e desesperança. A família de João voltou a sua terra natal e retomou a vida normal, mas eles não eram mais os mesmos: carregavam uma grande amizade. E João, que guardou o mar no coração, logo que cresceu, se apressou em arranjar uma profissão que lhe permitisse transitar entre mar e terra – tornou-se comboieiro. Em suas idas e vindas pelas pequenas veredas que ligavam sertão e mar, encontrava os velhos amigos e Chica, que, como sua mãe, avó e bisavó, também passou a se dedicar ao ofício mais sublime que podia haver: ajudar a trazer crianças à vida!

Por vários anos, João fazia a mesma coisa. Juntava farinha, castanha de caju, feijão e outras coisas que os agricultores produziam no Tucunzeiro, carregava as cangalhas e



montava na sua égua, seguindo em direção à cidade, onde vendia parte de suas mercadorias. De lá, ia pras praias, onde vendia o resto das suas coisas e comprava peixe seco, frutas e rendas pras moças. Nesse tempo, eram os comboieiros que faziam a economia circular, também eram eles que levavam os recados de um canto pra outro, fazendo chegar as notícias dos vários povoados. João sentia-se muito feliz com o seu trabalho. Apesar de ganhar pouco, como todos os pobres, gostava de ser livre e poder viajar, de conhecer muita gente e de rever sempre Chica e Conceição, que já estava bem velha.



O Acaraú estava mudando muito rápido e todo mundo só falava em modernidade. A tal modernidade trouxe muita coisa boa, como energia, estradas, hospitais. Tinha gente que possuía até telefone em casa. Esta modernidade, todavia, fez a vida ir mudando e muita gente foi perdendo seus ofícios. João, por exemplo, via pouco a pouco o transporte de mercadorias ser feito em caminhonetes, elas podiam transportar muito mais coisas e eram bem mais rápidas. Ele sonhava em comprar uma, mas como ganhava pouco, nunca conseguiu juntar dinheiro e ter seu próprio transporte. Foi assim com muitos comboieiros e eles foram deixando de existir.

Também Chica via seu ofício, aos poucos, desaparecendo. Lá pros anos de 1980 foi criada uma maternidade no Acaraú. Era o sinal de

novos tempos! As mulheres mais novas queriam ir sempre dar à luz na maternidade, que, decerto, trouxe coisas boas. As mães podiam fazer o pré-natal e assim os bebês tinham mais saúde, também morriam menos mulheres e crianças quando o parto tinha complicação, e os bebês, mal nasciam, podiam fazer uma série de exames.

Os médicos vinham todos da capital e achavam que aquelas parteiras, com suas orações e remédios naturais, eram sinal de um povo atrasado, cheio de crendices. Quase sempre ficavam muito distantes do povo, pois se achavam muito diferentes. As mulheres que davam à luz sentiam falta do carinho que as parteiras lhe davam, dos conselhos de quem tem a experiência de toda uma vida, da amizade e da solidariedade que as mulheres tinham entre si nesse momento tão importante. Já não existia nem mãe de parto, tampouco irmão de parto como João e Chica, que por toda a vida se gostaram como irmãos de sangue. Se bem que, de vez em quando, algumas mulheres escolhem ter seus filhos com Chica.

João acabou arranjando um trabalho numa firma de castanha. Não ganhava tão mal, porém, não tinha a liberdade de antes, aliás, sobrava-lhe pouco tempo pra visitar os amigos. Acabou vendendo suas éguas a um preço bem baratinho, afinal, quem ainda monta em égua? O dinheiro deu para arrumar o telhado de sua casa que fazia tempos que tinha goteiras.

Vez por outra arranjava um trocado e ia de pau de arara visitar Chica lá na praia. Não podia demorar-se, pois, no outro dia, precisaria bater seu ponto como todos os outros funcionários da firma. Assim, já não tinha tempo de caminhar na praia, de se lembrar das brincadeiras de menino, de sentar na calçada no fim da tarde e escutar histórias, algo que o povo também não fazia mais. A programação da noite era assistir à novela na TV.

Às vezes, Chica e João conversavam saudosos sobre os velhos tempos, daí lembravam que hoje também tem coisas que melhoraram. Se foi bom ou ruim as coisas terem mudado... quem sabe? O certo é que elas estão sempre mudando, a gente vai se arranjando como dá e a vida segue seu curso.

UNIDADE 4 - CIDADE

O BARCO DO TEMPO

"Para ser pescador é preciso ter vocação e coragem", já dizia o senhor Antônio, pai de Lino. E dessa lição ele não se esquecia. Toda vez que partia em seu barco, Filadelfio II, homenagem ao seu avô, pescador descendente Tremembé, de quem Lino só conhecia as histórias contadas por seu pai, repetia essa frase em voz alta, como um cavaleiro que parte para a luta.

A jornada de trabalho era dura, Lino e seu amigo de infância, Nico, costumavam partir do Porto dos Barcos logo ao amanhecer, se assim a maré permitisse. Naquele dia não foi diferente, saíram logo que o sol apontou na nascente: seria uma lida de poucos dias, pretendiam navegar rumo ao norte, margeando a costa do Ceará e Piauí, até a divisa com o Maranhão, região rica em lagosta. Os dois amigos pescavam com manzuá, pois precisavam trazer a lagosta viva, para conseguir um bom preço. O marisco era vendido para uma fábrica instalada pertinho do porto, de lá a lagosta era exportada, quase nada ficava no Acaraú.

O dia transcorreu tranquilo, céu limpo, mar calmo, tudo indicava que logo chegariam ao ponto planejado para a pesca daquela viagem. O local era uma marambaia feita já há alguns anos e que rendia boa pescaria.

Quando a noite chegava, era hora de observar os astros pra não se perder naquele breu, onde céu e mar se confundiam. Pra esta tarefa, o pescador tinha que conhecer o Cruzeiro do Sul, a Mancha do Sul, as Três Marias, a "Sete estrela" e outros; hoje em dia já se usa o GPS, claro!, mas saber onde estão estas estrelas na imensidão do universo é tradição; os amigos Lino e Nico faziam isso como uma brincadeira para passar as noites, era também uma forma de honrar os ensinamentos de seus pais.

Estavam os dois conversando após jantarem peixe fresco assado na brasa e farinha. Foi então que ouviram um barulho forte de motor, tudo indicava que era uma embarcação grande que se aproximava. Confiantes que seu barco possuía a sinalização suficiente para ser visto, eles não se preocuparam e continuaram a conversar.

Infelizmente o farol de sinalização, que era formado por uma lâmpada cercada por um cilindro feito de garrafa pet, não foi suficiente pra que o barco que se aproximava visse o Filadelfio II. Ao perceber que aquela grande embarcação acercava-se, Lino correu ao timão e tentou uma manobra que evitasse o choque frontal. Com sua destreza e aptidão para dirigir o barco, conseguiu evitar o pior, mas, devido ao tamanho da outra embarcação, o mar ficou revolto e acabou virando o Filadelfio II. Foi um alvoroço, os dois amigos caíram no mar; naquela escuridão sem fim, tentaram se agarrar a algumas pranchas de madeira que se soltaram quando o barco virou. Na tentativa de se firmar nesses apoios, os dois perceberam um aguaceiro e, de repente, um clarão apareceu e eles se sentiram prestes a desmaiar.

Ao retomar a consciência, o mar estava calmo e, ao longe, eles avistaram uma luz fraquinha, era um bote. Os dois ficaram aliviados, sentiram que estavam salvos. Foram resgatados por João Pimenta e



Mestre Ambrósio. Após subir no bote e se agasalhar com uma tanga de rede dada por seus novos amigos, Lino não avistou mais sua embarcação. Neste momento, Mestre Ambrósio perguntou:

— Ô, seu minino, vosmecês são de onde, donde tá a jangada de ocês?

Os amigos se entreolharam e perceberam que havia algo diferente, a embarcação que os salvou não tinha nenhuma modernidade, não havia rádio comunicador, GPS, nem mesmo luz à bateria. Ao perceberem que o Mestre aguardava uma resposta, Lino explicou que era da Colônia de Pesca Z2 do Acaraú e que haviam sofrido um acidente. Mas o Mestre não acreditou e replicou:

— De lá ocês num são não, sô nascido e criado naquelas bandas e nunca vi suas figura por lá. Mas rumbora dexá essa cunversa pra despois, no amanhecer nois atraca e, em terra firme, vosmecês vão contar essa história direitim.

E assim fizeram. Logo ao amanhecer estavam chegando ao Porto. Quando adentraram no rio Acaraú, Lino e Nico estranharam a largura do rio, eles não localizavam os bancos de areia que tanto os atrapalhavam na atracagem; perceberam, ainda, que o trapiche de tora de carnaúba estava pela metade, como se estivesse sendo construído, como também sentiram falta da fábrica de gelo que havia na beira do rio. Lino disse:

– Ora essa, macho, me cutuca que acho que tô maluco!

Ao desembarcar, o susto foi ainda maior, a Rua Vigário Xavier, que eles tanto conheciam, era um areal, a maioria das casas eram de taipa e cobertas de palha, o prédio da antiga fábrica de enlatados estava funcionando a pleno vapor, os trabalhadores chegavam para o turno de trabalho e uma placa anunciava que ali era a Fábrica Dulce.

Nico, sem nada entender, se aproximou de João Pimenta, que, durante a viagem, foi mais solícito com os náufragos, e lhe perguntou onde eles estavam. O homem lhe responde que era Acaraú, estavam na Outra Banda. Eles não conseguiam crer, fizeram várias perguntas, perguntaram sobre a fábrica, sobre o rio e sobre a sede do município. A cada resposta, eles ficavam mais espantados. Não era possível: ali era mesmo Acaraú! Não fazia sentido... Até que Lino perguntou se o velho João Pimenta sabia que dia e mês era aquele. João só sabia dizer que tava perto de acabar o tempo da bonança. Essa expressão não era estranha a Lino, lembrou

que era assim que os antigos chamavam o período de poucos ventos. Em seguida, perguntou pelas chuvas e sobre o tipo de peixe que mais estava aparecendo na pescaria. João respondeu a tudo e concluiu dizendo:

— Cada ida ao mar é uma correição, esse ano vamu ter um dinheirim pra comprar rôpa nova e ir pra festa da cidade daqui uns dia.

Quando foi perguntado sobre que festa era essa, veio a maior surpresa. Ele respondeu que era a festa de 100 anos do Acaraú. Nico, que sempre gostava de ouvir a rádio da cidade, lembrou que haviam dito, numa entrevista, que em 1949 o Acaraú tinha comemorado seu centenário. Não podia ser! Os tripulantes do Filadelfio II estavam em 1949. Como aquilo era possível?!

Os dois amigos não sabiam o que pensar, como iam contar de onde vinham e, mais grave, como voltariam ao seu tempo. Tentando não demonstrar desespero, os dois explicaram a João e Ambrósio que precisavam de abrigo, pois não sabiam como voltar pra casa. João, sempre mais amigável, ofereceu sua casa. Os dois homens partiram rumo à choupana de João, distante uns quinhentos metros do Porto. No caminho, foram tentando entender o que se passava.

A casa de João era humilde, tinha apenas dois bancos de madeira e dois caixotes que serviam de bancos, uma corda que fazia o serviço de guarda-roupas, um fogão improvisado com duas pedras, umas panelinhas, umas cuias de barro e umas canecas de alumínio. Observando aquela simplicidade, temeram incomodar o velho pescador e sua família, mas não tinham outra solução naquele momento, assim, tentaram ajudar tratando e salgando o peixe trazido do mar. Descobriram que era vendendo peixe seco na sede do município que João sobrevivia. À noite, todos sentaram no terreiro da casa e, com muito receio, iniciaram a conversa sobre de onde eles tinham vindo. Após ouvir toda a história, e para espanto dos dois viajantes do tempo, João disse que sabia quem poderia ajudar; era uma velha senhora que morava próximo ao sítio Mongubas. Ele os levaria até ela, mas primeiro teriam que ir ao mercado público vender o peixe seco.

E assim foi feito. No dia seguinte, partiram rumo ao mercado. Em alguns pontos, o caminho lhes pareceu familiar, passaram pela "Ponte do Modesto", que naquele momento era de madeira e necessitava de reparos. Para os dois pescadores, a vista era um misto de familiaridade e encan-

tamento. Do lado oeste, sabiam que avistariam o mangue que protegia o rio Acaraú, mas, naquele dia, aquela vista mais parecia uma "muralha cor de esperança". A leste, via-se um frondoso cajueiral, o branco perfil de uma capelinha e a suntuosa torre da Matriz. Seguiram rumo ao sul pela rua Santo Antônio. Ao se aproximarem da parte mais central da cidade, perceberam uma movimentação, eram pessoas de um lado para o outro carregando enfeites; nos postes, rapazes subiam para prender palhas de coqueiro. Sobre toda aquela agitação, João contou que sempre que tinha festa era assim, mas que essa fora maior; diziam que tinha vindo até avião de Fortaleza para fazer apresentação.

Ao se aproximarem do mercado, eles percebem que este parecia recém-construído, ainda tinham homens terminando a pintura e João explicou que a venda era feita ali na rua mesmo, pois no dia seguinte é que o Mercado seria inaugurado, durante a festa. Após negociar todo o peixe com comboieiros vindos da região de Sobral, eles rumaram na direção do Sítio Mongubas. A viagem a pé levou, pelo menos, uma hora; iam conversando sobre o que viam e faziam muitas perguntas a João Pimenta, que vez por outra dizia:

– Vosmecês são muito perguntadô!

Chegando lá, avistaram uma senhora bem idosa. Encontraram a mulher sentada num caixote mascando fumo. Após pedir



a benção, João apresentou seus amigos viajantes e explicou os motivos que os levavam ali. A anciã se chamava Honorina Maria da Conceição, vinha de Licânia, ali era conhecida por suas rezas e remédios, que já haviam salvado muitas vidas. Em Acaraú, não havia atendimento médico para os pobres. Se a pessoa tinha posses, poderia ser tratada por um dos dois médicos da cidade, mas se o caso fosse grave, só indo de avião até Fortaleza.

Voltando aos nossos pescadores, após contar sua aventura, dona Honorina começou recitando uns versos: "Aos primeiros clarões da madrugada/ O jangadeiro corajoso e forte/ Abrindo vela a célere jangada/ Avança pelo mar, ao léu da sorte".

E continuou falando sobre os mistérios do mar e do tempo, que tudo na vida tinha um propósito e que o único meio de voltarem ao seu tempo seria procurando um mestre construtor de barcos e conhecendo com ele como os barcos eram construídos. Lá teriam uma surpresa, e, em uma noite de lua crescente, deveriam sair para mar aberto.

Lino e Nico pareciam não entender o que aquilo significava. Eles se olhavam e tinham o mesmo pensamento: "Nunca mais vamos voltar". Como quem lia os pensamentos deles, a velha senhora disse: "Esse valente anônimo sem norte/ Enfrenta as peripécias da jangada/ Num combate sem par, de vida ou de morte". João, vendo o espanto dos colegas, tomou a frente e disse: "Esses versos são para dar coragem, meu povo, bora voltar que conheço quem vocês procuram".

O grupo fez a viagem de volta em silêncio, cada um com seus pensamentos, que geravam um misto de sentimentos – era saudade, era aflição, era esperança – quando se lembravam dos versos da velha anciã mascadora de fumo. O dia terminou com aqueles homens do mar perdidos no tempo.

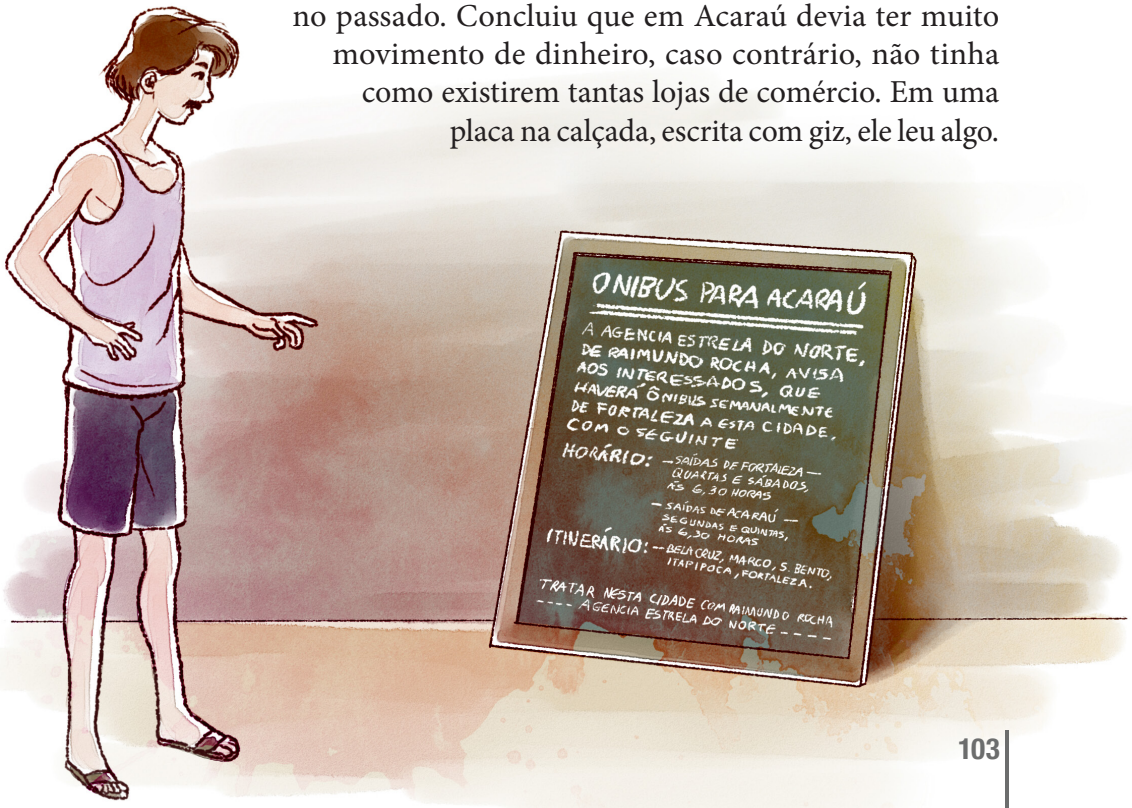
Ao amanhecer, João informou que precisava partir para o mar – era dia de pesca –, retornaria na manhã seguinte e então poderiam procurar o tal construtor de barcos de quem dona Honorina havia falado. Lino resolveu ir ao mar com João Pimenta e Nico decidiu ficar, queria conhecer aquela cidade, que lhe era familiar e misteriosa ao mesmo tempo. E assim o fizeram, Lino foi para a pescaria, enquanto Nico rumou para a rua Santo Antônio, no sentido da sede do Acaraú.

Ao se aproximar da sede da Prefeitura, já se via a movimentação; muitos homens vestidos com terno e calça social de cores claras, além dos chapéus bem-arrumados em suas cabeças, desciam de automóveis que Nico só conhecia de ver em filmes antigos da televisão.

Caminhando mais um pouco, ele se aproximou da multidão. Seguiu o cortejo e assistiu a todo aquele cerimonial que jamais imaginou vivenciar. As ruas ornadas, o povo com "roupa de domingo", um carro com um alto-falante tocava músicas alegres e anunciava nomes de autoridades: era vereador, prefeito, padre, deputado, representante de governador.

Nico acompanhou a tudo aquilo com a cabeça fervilhando de perguntas; eram tantas que ele nem sabia por onde começar e nem quem poderia ajudá-lo nas respostas. Após chegar à praça, notou que ali ocorreria inaugurações. Aproximou-se de um senhor e perguntou o que seria inaugurado. Descobriu que era o Mercado Público e o Monumento do Centenário. Resolveu, então, andar pelas ruas e conhecer como era a cidade aniversariante. No caminho, avistou vários estabelecimentos comerciais (lojas, bares, mercearias), todos com letreiros pintados na fachada (Loja Moderna, Casa Pery, Estrela do Norte, Bar Tupã, Mercearia Popular).

Pela primeira vez em sua vida Nico parou para pensar no passado. Concluiu que em Acaraú devia ter muito movimento de dinheiro, caso contrário, não tinha como existirem tantas lojas de comércio. Em uma placa na calçada, escrita com giz, ele leu algo.



Não se contendo de espanto, diz em voz alta: "Valha que o ônibus pra Fortaleza num sai todo dia?!". Ouvindo aquilo, um senhor se aproximou e explicou que aquilo era uma novidade, começou em novembro de 1948; antes só se chegava à capital indo de caminhão ou de cavalo até Itapipoca e de lá pegando o trem, e se a pessoa fosse rica, ia de avião, pois tinha campo de pouso na cidade.

A cada momento Nico se deparava com uma novidade, descobriu que nessa época a cidade tinha um jornal, O Acaraú, que Bela Cruz e Itarema eram distritos do Acaraú e que a luz elétrica existia, mas só nas ruas principais da sede.

Depois de muito caminhar, indo de rua em rua, procurando pontos familiares, ele percebeu que a noite se aproximava, resolveu fazer o caminho de volta pela rua da Igreja; das ruas por onde ele havia passado, essa era a mais ornamentada. Passando por lá, ele ouviu som de música e perguntou a uma senhora que apreciava o espetáculo sobre o que se tratava; ela lhe explicou que ali ocorria a retreta, pois a Banda de Música Paroquial se despedia daquele dia de festa, e logo depois ia começar o baile no Recreio Dramático Familiar, em um prédio ali próximo. Ao apontar para o referido prédio, Nico percebeu que era a Biblioteca, onde mais jovem ia fazer as tarefas da escola.

Percebendo que a senhora era simpática a sua pessoa, ele puxou conversa; queria saber sobre a festa, disse que gostaria muito de participar, pois adorava dançar. A senhora olhou o rapaz do pé a cabeça e disse:

— Meu filho essas festa num são pra nois, nesse clube só entra as boas famílias.

— Como assim, boas famílias?

— O Recreio é um lugar para os ricos, eu e você não podemos entrar, só se formos trabalhar de garçom ou tocador das bandas que se apresentam.

— A senhora acha isso certo?

— Num sei se é certo, só sei que sempre foi assim.

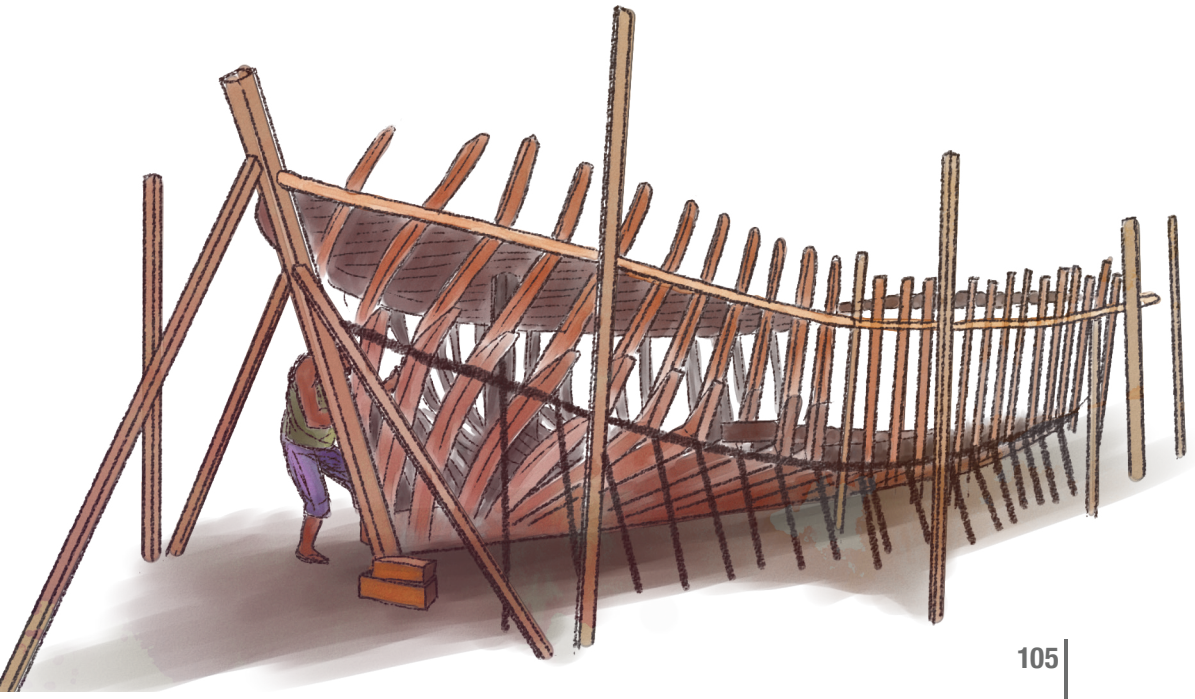
Depois dessa conversa, Nico seguiu rumo à casa de João na periferia da cidade e, pensando em tudo que viu e ouviu, percebeu que, mesmo distante no tempo, algumas coisas continuavam iguais. Naquela noite,

deitou e demorou a dormir, queria contar a Lino tudo que tinha visto.

No raiar do dia, Lino e João retornaram com os caçuás cheios de peixes, a pesca tinha sido boa. Assim como Nico, Lino tinha muito a contar. Naquela viagem, descobriu como era a pesca antigamente, coisas que seu pai contava e ele não conseguia crer que existisse, tal como iluminar a jangada somente com uma lamparina, ou que os pescadores iam em busca dos peixes nos visgueiros, que eram pedras grandes do mar onde moram muitos peixes.

Eles tinham muita coisa pra conversar, mas lembraram que o mais importante era voltar pra casa. Pediram, então, a João que os levassem ao mestre construtor. João, mesmo cansado da lida, partiu com os dois amigos rumo ao Salgado. Lá morava o Mestre Jorge, o construtor de barco mais conhecido da região.

João apresentou seus novos amigos a Mestre Jorge e, depois de muito conversar, o convenceu a explicar como se construíam as embarcações. O local onde eram feitas era improvisado, uma cabana feita de pau e coberta de palhas, as ferramentas eram simples e do lado tinha um amontoado de madeiras de vários tamanhos e espessuras.



O Mestre começou explicando que havia muitos tipos de barco, tinha jangada, paquete, canoa, bote, iate. Que ele, como construtor, trabalhava por empreitada na construção e na reforma de barcos. Explicou de onde vinha a madeira, com quem tinha aprendido e, o mais importante, assim como o pescador, para ser mestre construtor, tinha que ter vocação e coragem. Ao final, mostrou um pequeno bote que tinha feito quando ainda era menino, chamava-se Filadelfio, e ofereceu para os dois amigos experimentarem.

Nessa hora, os viajantes do tempo se entreolharam e se lembraram das palavras de dona Honorina, era essa a surpresa que os levaria pra casa. De imediato aceitaram a oferta e pediram que João Pimenta os ajudassem a levar o bote até o rio. Ficaram lá até o anoitecer e então partiram rumo ao local onde se lembravam de terem se acidentado, guiados pelos astros. Os dois só pensavam em suas casas, no seu tempo, nas famílias que tinham deixado e deveriam estar preocupadas com eles.

Navegaram por um bom período e nada acontecia, mar calmo, sem ventos. Até que, de repente, veio o aguaceiro, como aquele que os atingiu dias antes. Perderam a consciência e, quando deram por si, estavam no Filadelfio II, olhando as estrelas e com o fogareiro queimando um peixe que parecia estar ali por horas. Eles nada entenderam, sabiam o que tinham visto, mas não tinham certeza se tinha sido realidade ou sonho. Mas seria possível os dois sonharem a mesma coisa?

Os versos citados neste conto são da poesia "O Jangadeiro" de autoria de Nicodemos Araújo publicada no jornal O Acaraú, em 15 de setembro de 1948.


FILADELFIO II

OU TEM DEMAIS OU ESTÁ FALTANDO

Flora era uma jovem alegre, tinha os cabelos escuros como a graúna, os olhos da cor de mel e a pele bronzeada do sol do Acaraú. Era muito curiosa e sua mãe dizia que essa característica ela "tinha puxado" da família de sua avó. A menina tudo perguntava, todos os assuntos lhe interessavam. Perguntava sobre seus avós, os pais dos seus avós, os avós dos avós, os avós dos bisavôs e assim por diante. Algumas dessas perguntas ficavam sem resposta, principalmente quando perguntava sobre seu avô paterno. Sempre fora desse jeito, passava horas a fio fazendo perguntas. Além da sua família, outro assunto que sempre lhe chamava atenção era História, principalmente a história de sua cidade. Ainda quando criança aprendeu com sua vó Marieta a origem do nome Acaraú. Disso nunca se esqueceu e, sempre que perguntada, respondia: "Acaraú significa rio das garças, era esse o sentido da palavra para os índios, os primeiros a morarem por aqui".

Quando cursava o sétimo ano do ensino fundamental, houve uma gincana cultural na escola. A ideia desse evento era conhecer a história do município do Acaraú por meio das mudanças pelas quais a cidade passou.

Flora ficou empolgada, já foi dizendo que gostaria de falar do prédio da Biblioteca Pública Nicodemos Araújo, onde antigamente funcionava o clube Recreio Dramático Familiar, mas a professora avisou que seria um sorteio. A menina foi sorteada com a Igreja Matriz. De início, ela não gostou nadinha desse assunto. O que teria para se falar da Igreja Católica do Município? As Igrejas eram todas iguais, pensava a jovem garota.

Chegou a sua casa desanimada; logo ela, que tanto gostava de saber sobre os lugares e as pessoas, tinha ficado com um lugar onde tudo parecia sempre igual. Para ela, a Igreja só mudava em dia de festa da padroeira, pois nesse dia as cadeiras eram colocadas do lado de fora e a missa acontecia ao ar livre.

Após conversar com sua mãe, que lhe explicou que as tarefas que recebíamos deveriam ser cumpridas, pois tudo era um aprendizado, Flora partiu para sua pesquisa. Ela começou indo fazer uma visita à Igreja Matriz e percebeu que o edifício possuía muitos desenhos em seu interior; começou a se perguntar quem os teria feito. Aproveitou e visitou também a sacristia, lá observou que tinham algumas fotos de sacerdotes. Perguntou quem eram e soube que ali estavam os padres que trabalharam na Igreja e já faleceram.

Com essa primeira visita, surgiu uma pontinha de curiosidade. Foi à biblioteca local, que ela sempre gostava de visitar. Lá procurou algum livro que tratasse do tema de seu trabalho escolar, encontrou um livro sobre o município no qual descobriu que a primeira capela da cidade surgiu em 1749, construída de taipa e coberta de palhas. Somente por volta de 1871 que ela teria sido erguida em alvenaria. A primeira reação de Flora foi pensar: "Nossa, como ela é velha!".

Na continuação de sua pesquisa, ela se surpreendeu ainda mais, pois constatou que a primeira grande reforma no prédio foi durante uma grande seca que ocorreu entre 1877 e 1879. "Como assim, uma seca tem a ver com a Igreja Matriz e mais ainda com Acaraú?", foi o primeiro pensamento da jovem pesquisadora.

Para Flora, a cidade onde nasceu e morava há quinze anos era conhecida por sofrer com enchentes. Ela se lembrava das ruas inundadas e muitas pessoas desabrigadas; havia lugares que para chegar era preciso ir de canoa, pois não se conseguia andar de tanta água. Ela então leu que



o Ceará inteiro sofreu os efeitos dessa seca e muitas pessoas, não tendo mais condições de viver no sertão, migravam para o litoral, como Acaraú. Chegando lá, eles tinham que trabalhar para receber alimentos. Assim construíram a Igreja Matriz e outros prédios da cidade.

Flora ficou imaginando como teria sido nesta época de seca. Como as pessoas chegavam a Acaraú, se iam a pé ou a cavalo, onde se abrigavam. Partiu, então, em busca de informações sobre as secas no Acaraú. Por um momento até se esqueceu o real motivo que a levou à biblioteca. Ela precisava voltar a fazer a pesquisa da escola.

Depois de uma tarde de pesquisa, a jovem estudante tinha informações suficientes para o seu trabalho, mas lhe faltava uma fotografia da Igreja de antigamente. Lembrou-se, então, da caixa de guardados de sua avó Marieta. Lá, com certeza, teria o que precisava. O que Flora não imaginava é que naquela pequena caixa ela encontraria um grande segredo.

Era uma caixa de sapatos recoberta de papel de presente, daqueles bem de antigamente. Flora sempre quis saber o que tinha ali, mas sua avó lhe dizia que eram só lembranças. Naquele dia, ela tinha que convencer vó Marieta a lhe mostrar a caixa, e quem sabe ela achava uma foto da antiga Igreja.

No caminho pra casa, Flora pensava nas maneiras de ver aquela caixa, pois sabia que sua avó não lhe mostraria. Então, aproveitou que sua avó estava conversando na calçada e foi procurar a foto que queria. Remexendo pra lá e pra cá, Flora não encontrou foto da igreja; tinha foto de sua mãe quando criança, de sua avó ainda bem novinha, além de outras fotos que ela não fazia ideia de quem seriam. Lá também achou um caderninho amarrado por uma fita amarelada de tão envelhecida.



Desfez o embrulho e começou a ler aquelas páginas, logo percebendo que se tratava do diário de sua avó. "Como vovó não me contara que tinha um diário?", pensou a garota. A cada página, Flora ficava mais interessada naquela leitura, pois sua avó escrevera sobre o que fazia no dia a dia, contava que ia ao Grupo Escolar, falava das suas amigas, das apresentações de teatro no Recreio Familiar e muitas outras coisas de quando era mocinha, mas o que mais chamou a atenção de Flora foram umas páginas que tinham corações desenhados.

— Flora Maria, o que você pensa que está fazendo?!

Não podia ser, Flora tinha sido pega em flagrante.

— Largue já das minhas coisas, isso lá é coisa que se faça!

— V... vó... vovó… desculpe, e-e-eu procurava por uma foto da igreja.

Tentando se acalmar, bem como tranquilizar sua avó, a menina contou sobre seu trabalho escolar e que, ao começar a ler aquele caderno, tinha se entusiasmado com o que lia. Tomando coragem, a menina perguntou sobre as páginas decoradas com os pequenos corações. Dona Marieta ficou pensativa e então resolveu contar à neta os motivos que a levavam a guardar aquele diário e completou dizendo: "Nessa caixa tem até história de seca, vou lhe contar tudinho".

Inicia contando que quando ela era jovem, gostava muito de escrever, escrevia sobre o que tinha vivido e sobre o que sonhava viver. Escrevia no caderninho coisas boas e coisas ruins também. Que sonhava em fazer um livro, mas, com o passar dos anos, ela deixou esse sonho de lado.

A neta, já não se contendo de curiosidade, perguntou sobre as páginas com os desenhos de corações. Neste momento, sua avó deu um longo suspiro e começou a contar que ali era a história mais triste e mais linda que já tinha vivido.

— Como a mesma história pode ser triste e linda? — perguntou a garota.

— Se contenha, menina afoita, vou lhe contar bem direitinho.

E Dona Marieta principiou contando que tudo começara por volta do mês de abril, quando muita gente migrou para a cidade. Algumas pessoas diziam que eram pobres famintos, outros falavam que eram vagabundos

que vinham roubar a comida dos acarauenses. Mas o que ela via eram muitas famílias, idosos e crianças que pareciam cansados, vestidos com farrapos de roupas e que traziam no olhar uma tristeza profunda.

— Naqueles dias, o prefeito tinha proibido que se aumentasse o preço da farinha de mandioca e a exportação de alimentos para outros municípios, pois havia um grande receio que faltasse comida na cidade — contou Marieta.

Lembrou-se, ainda, que se falava de invasões a armazéns de farinha e que isto gerava medo na cidade. E que o governo do Estado tinha criado umas Frentes de Socorros, que organizava as pessoas para trabalharem em troca de alimento. Os trabalhos poderiam ser na sede de Acaraú ou nos arredores do município. As pessoas tinham que trabalhar na construção de açudes, estradas, prédios públicos etc.

O medo era tanto que seus pais não deixavam Marieta ir ao Salão Paroquial sozinha. "Minha neta, nós morávamos do lado, era só atravessar a praça da Matriz e eu tava lá, mas meu pai, seu bisavô, não deixava, dizia ele que era muito perigoso, mas eu era danada e um dia resolvi ir", contou a velha senhora. Foi porque tinha apresentação das dramistas, era um dia especial.

Contou que saiu de casa sem ser percebida, mas assim que chegou na calçada, levou um grande susto, tinha uma senhora e um rapaz que mais pareciam mendigos. A senhora parecia passar mal e o rapaz não sabia o que fazer, foi então que ela se aproximou e sua vida mudou pra sempre.



Marieta, vendo aquela cena, foi ao encontro dos dois

maltrapilhos, ofereceu ajuda e os levou até umas mangueiras onde os migrantes estavam passando suas noites; também ofereceu um pouco de farinha e rapadura, que voltou em casa e pegou sorrateiramente. No caminho até as mangueiras, ela fez muitas perguntas sobre o que os trazia a Acaraú, descobrindo que eles eram mãe e filho e que o restante da família não tinha resistido à longa viagem, desde Irauçuba até ali.

Para ela, tudo aquilo era novo, deixou-os no abrigo improvisado e voltou pra casa. Depois de ouvir aquele relato, não tinha condições de se divertir, era tudo muito doloroso. No dia seguinte, acordou pensando no rapaz e sua mãe; a noite tinha sido tão diferente que ela nem se lembrou de perguntar o nome deles.

Passados alguns dias, ela reencontra o rapaz, ele vinha com um saco de sururu que tinha arrancado lá na gamboa, era assim que ele e sua mãe estavam sobrevivendo. Ela se aproximou e perguntou sobre sua mãe e como tinham passado aqueles dias. Depois de muita conversa, ele a acompanhou em casa e ela descobriu seu nome, era Vivêncio.

Ao se aproximar de casa, Marieta viu seu pai esperando na calçada, ele não parecia contente. Ela tentou apresentar seu novo amigo, mas ele a repreendeu por estar acompanhada de um daqueles forasteiros.

Com lágrimas nos olhos, vó Marieta continuou a contar o quanto seu pai tinha sido rude com Vivêncio e que, daquele dia em diante, ela só encontrava seu novo amigo escondida de seu pai. Contou que se apaixonou pelo jovem forasteiro e que sofreu muito quando ele foi trabalhar na construção da estrada para Itapipoca, pois ficava acampado lá e não podia voltar à sede do Acaraú, e que, passados aqueles dias de fome, os dois tornaram-se namorados e se casaram em um ano bem diferente do que tinham se conhecido; foi um ano de muita água: "Acaraú parecia que ia se desmanchar em água, minha filha!", completou a velha senhora.

Muito surpresa depois de ouvir tudo com muita atenção, Flora perguntou: "Quer dizer que vovô Vivi era flagelado da seca?!". E completou: "Vovó, no Acaraú ou tem demais ou tá faltando, não é?!". Dona Marieta explicou à neta que o Acaraú era privilegiado por ter o rio e estar perto do mar, pois sofria menos com falta d'água, mas, por outro lado, quando chovia muito, as enchentes eram comuns.

Tinha uma coisa que a menina não conseguia entender: por que ela nunca tinha ouvido falar de secas no Acaraú? Astuta como ela só, fez muitas perguntas sobre seu avô, as quais sua avó respondeu pacientemente. De tudo que ouviu, Flora concluiu que seus avós passaram por muitas dificuldades pra viver seu amor, pois Vivêncio era pobre e sempre foi visto como forasteiro pelo pai de Marieta. Por isso, as lembranças dos dias de seca ficavam escondidas na velha caixa coberta de papel de presente.



GLOSSÁRIO

Aboio – é um tipo de canto em que não se usam palavras e que os vaqueiros usam para chamar os gados.

Acabrunhado – que perdeu a alegria; abatido; entristecido.

Afeiçoava – sentimento carinhoso, apego, estima.

Aguaceiro ou **tormenta** – ventania forte, seca ou com chuva.

Arapuá – a "arapuá", "abelha-cachorro", "abelha-mirim" ou "irapuá" é uma abelha nativa e sem ferrão, presente em praticamente todos os estados do Brasil.

Arqueologia – ciência que estuda a cultura e o modo de vida das sociedades passadas, através dos vestígios da existência humana, antes e depois da invenção da escrita, por meio de técnicas de coleta, escavações e análise dos indícios materiais produzidos pelos diversos grupos.

Arqueólogo – profissional formado por um curso universitário, habilitado para analisar de maneira adequada as marcas e objetos deixados pelos homens nos locais onde moraram, passaram, morreram, caçaram, dançaram, pintaram ou plantaram. Através desses objetos, o arqueólogo procura compreender as técnicas empregadas no passado, mas também, os ritos, os símbolos e costumes das populações estudadas.

Arraia – nome de um peixe que tem o corpo achatado, circular e com três barbatanas. Este possui um "ferrão" que usa quando se sente ameaçado e, por isso, é considerado perigoso pelos pescadores.

Arrendatários – agricultores que vivem e trabalham nas terras de uma pessoa e, por isso, tem de pagar uma "renda" (valor em dinheiro) ao proprietário para poder usar a terra.

Bagre – nome de uma família de peixes que vive tanto nos rios quanto no mar. Os bagres possuem ferrões e um veneno que não mata, mas provoca muita dor.

Baiacu – peixe conhecido por se inflar quando ameaçado; devido a sua flexibilidade, fica parecendo uma bola. Possui em seu organismo uma neurotoxina mortal.

Beijú – alimento feito com goma de mandioca. O beijú, assim como a tapioca, era feito pelos grupos indígenas que dominavam o cultivo da mandioca. Ainda hoje o beiju continua fazendo parte da cultura alimentar de muitas comunidades, sobretudo das comunidades pesqueiras, onde ele é servido com peixe assado.

Bode – personagem do reisado.

Burrinha – personagem do reisado.

Caboré – personagem do reisado.

Caçador – personagem do reisado.

Caçuá – cesto grande de cipó, sem tampa e com alças para prender transporte de gêneros diversos em animais de carga.

Caititu – máquina de ralar mandioca.

Cambota – pessoas que possuem as pernas arqueadas para fora.

Canga – peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado.

Cangalha – um suporte de madeira que se prende no lombo dos animais para pendurar a carga a ser transportada.

Casa de Aviamento – Engenho rústico para fabricar farinha de mandioca.

Cidroca – modo como a comunidade de Curral Velho se refere ao cemitério da Imburana.

Cogitou – refletiu, pensou, imaginou, colocou em hipótese.

Comboieiro – que escolta ou guia o comboio.

Coser – costurar.

Correição – peixe ou lagosta com fartura.

Desenxabido – sem interesse ou graça; aborrecido.

Devaneio – estado de espírito de quem se deixa levar por lembranças, sonhos e imagens.

Dramistas – são as mulheres que fazem "drama", um tipo de representação teatral popular onde se misturam cantigas, danças, contações de história, adivinhações e declamação de versos.

Encangado – inseparável; pessoa que só anda acompanhada de outra, como se estivessem unidas por uma canga.

Gamboa – estreito por onde a água penetra, na maré alta, e que esvazia quando as águas refluem na beira-mar.

Gibão – tipo de casaco de couro usado pelos vaqueiros para lhe proteger do sol e dos espinhos comuns na caatinga.

Grupo Social - um grupo social é formado por pessoas que apresentam características semelhantes, partilham uma organização social, interagindo entre si, através das tradições culturais.

Imponência – ato de agir com intenção de atrair olhares, atenções, mostrar grandeza.

Indagou – questionou, perguntou.

Licânia – antigo nome do município de Santana do Acaraú.

Linho – planta que chega a medir um metro de altura. É composta basicamente por uma substância fibrosa, da qual se extraem as fibras longas para a fabricação de tecido e peças de roupa.

Malvarisco – Planta utilizada pelas pessoas para fazer xaropes e outros remédios para tosse, garganta inflamada e gripe.

Manzuá – espécie de armadilha para peixes. Feita com varas amarradas ou com telas de arame. O peixe entra por uma boca larga e não consegue mais sair.

Mar grande – como os pescadores costumar chamar o alto-mar, ou seja, uma parte do mar que fica afastada das praias.

Marambaia – amontoados de pau ou objetos velhos na água para servir de moradia aos peixes.

Mariscar – ato de ir à praia e mangues a fim de apanhar mariscos, como ostras, mexilhões e búzios. É uma atividade realizada principalmente pelas mulheres.

Meeiros – são os agricultores que trabalham e vivem em uma terra que pertence à outra pessoa e, por isso, são obrigados a fazer todo o trabalho de cultivar e ainda dar uma parte de sua produção aos proprietários.

Meizinhas – como eram chamados os remédios caseiros feitos com plantas medicinais. Dentre eles, os lambedores e as garrafadas.

Perneiras – adereços de couro utilizados pelos vaqueiros para proteger as pernas de espinhos e/ou de cobras.

Quebranto – ou mau olhado, na cultura popular, está ligado ao efeito negativo (inveja) que o olhar de alguma pessoa pode exercer sobre outra.

Quermesses – festas realizadas pela igreja católica, em geral, para homenagear o(a) santo(a) padroeiro(a). Normalmente são realizadas após as missas e procissões e contam com uma série de atividades, como apresentações culturais, feiras de artesanato e comidas, leilões, bingos etc.

Reiso – o mesmo que reisado.

Renda de bilro – tipo de renda que surgiu na Europa por volta do século XV e foi trazida para o Brasil pelos colonizadores, tornando-se muito comum no Nordeste. A renda é feita a partir do entrelaçamento das linhas, usando, para isso, a almofada e os bilros, que são peças feitas com sementes de tucum e uma haste de madeira, nas quais são enrolados os fios.

Requintes – que é provido de luxo, garbo, graça, primor, perfeição.

Retirantes – nome que foi atribuído às pessoas que se "retiram" de sua terra para fugir das secas, procurar emprego ou qualquer outro serviço nas cidades.

Retreta – se refere à apresentação de uma banda, comumente de formato marcial, em praça ou outro espaço público.

Sisudo – sério, firme, enfático, prudente, sensato.

Tanga de rede – manta feita de tecido grosso, como o das redes. Muitas vezes são reutilizadas as redes cujos punhos se quebram.

Tapuias – foram chamados assim pelos portugueses todos os povos que não falavam o tupi-guarani. Os índios tapuias pertenciam a vários troncos culturais e linguísticos, a maioria habitava no interior, por isso tiveram menos contato com os europeus no início do processo de colonização. A aproximação dos diversos grupos tapuias com os portugueses não foi pacífica. Os índios tapuias resistiram fortemente à dominação, eram vistos pelos europeus como inimigos e receberam a denominação grosseira de bárbaros.

Tertúlia – reunião de amigos, familiares ou simplesmente frequentadores de um local.

Timão ou **Leme** – nome dado ao aparelho que permite dirigir uma embarcação.

Timbaúba – árvore de copa larga, fechada, em forma de guarda-chuva. Sua madeira é utilizada para a fabricação de pequenos barcos e canoas.

Tupis – Numeroso grupo indígena composto por diversas tribos. Estavam localizados no litoral e receberam essa denominação dos colonizadores europeus, por serem da família linguística tupi-guarani. Diversas tribos tupis estabeleceram contato com os colonizadores, diferentemente dos tapuias, que eram vistos como bárbaros pelos portugueses.

Uru – cesto de palha de carnaúba que é usado pelos pescadores para guardar o pescado.

Usina eólica – indústria equipada com grandes cata-ventos, aerogeradores que transformam a energia do vento em energia elétrica.

Vereda – caminho apertado; região que apresenta uma grande quantidade de água ou vegetação.

Visgueiro ou **risqueiro** – pedra grande do mar que serve de morada dos peixes.

OS AUTORES

ALINE LIMA



Desde criança sou curiosa, gosto de fazer perguntas e ouvir histórias. Minha avó tinha uma bodega e muitos dos vizinhos iam lá para fazer compras e conversar, era uma diversão ficar ouvindo o que eles contavam. Acredito que por isso fui cursar História na UFC. Hoje sou mestre em História Social e especialista em Gestão Cultural pela UFRPE/MinC.

AUGUSTO FICK



Gaúcho de nascença e músico de formação, sempre tive uma queda pelas artes visuais. Comecei a vida artística com 12 anos de idade, fazendo cursos de desenho e histórias em quadrinhos em Fortaleza e estudando violão. Sem saber, acabei por traçar meu caminho nas artes. Ao longo dos anos trabalhei como designer gráfico, diretor de arte, fotógrafo e professor de artes.

LÍGIA HOLANDA



Nasci no sertão da Paraíba, num lugar onde o povo sentava todo fim de tarde pra contar histórias e só parava na hora de dormir. Meu avô, além de ser contador de histórias, guardava um monte de coisas antigas, acho que foi por isso que quando cresci e vim morar no Ceará quis estudar História pela UVA. Atualmente faço o mestrado interdisciplinar em história e letras pela UECE e estou adorando porque junta as minhas duas paixões: a história e a literatura!

PATRÍCIA XAVIER



Aprendi a gostar do passado ouvindo as histórias do meu pai. Sou formada em História pela UFC e trabalho no Museu da Indústria. Continuei os estudos e hoje sou mestre em História Social pela PUC/SP e Preservação do Patrimônio Cultural pelo Iphan/CE. Sou apaixonada por livros e por cachorros.

PEDRO IVO DIVINO



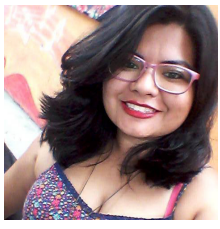
Nasci em Campinas, no interior de São Paulo mas vivi muito tempo em uma cidadezinha chamada Mococa. Lá peguei gosto pelos causos de assombração e lendas do interior. Fui livreiro por oito anos. Aprendi a amar os livros e as experiências que eles nos trazem. Atualmente estudo Hotelaria no IFCE, trabalho como garçom e escrevo histórias, como essas, nas horas vagas.

RAFAEL VIANA



Ilustrador e Designer Gráfico, natural de Fortaleza. Desenho desde pequeno e é incrível poder ilustrar para crianças, pois cresci colecionando livros de literatura infantil. Já fiz ilustrações para livros didáticos, história em quadrinhos e também trabalho com caricaturas.

THAYANE OLIVEIRA



Sempre fui fascinada pela ideia de ser professora. Quando decidi cursar História imaginei como seria legal compartilhar com os estudantes a noção de que a história está em tudo que somos e vivemos. Sou licenciada em História pela Universidade Federal do Ceará. E atualmente sou mestranda em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.


Candeia
Pesquisa e Produção Cultural
Volta do Rio
Energimp
CEMIG
IPHAN 80 ANOS 1937 2017
MINISTÉRIO DA CULTURA
ORDEM E PROGRESSO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL